



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharia

# Cidade e Fragmentação: Projeto para a Trienal de Arquitetura de Lisboa

**Fábio Pires Galego**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Doutora Rita Ochoa  
Co-orientador: Prof. Doutor Jorge Marum

**Covilhã, junho de 2019**



# Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer à Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Ochoa, por todos os desafios lançados e pela dedicação ao longo desta dissertação.

Ao Prof. Doutor Jorge Marum, pela insistência e entusiasmo ao longo do semestre.

Ao Prof. Doutor Tiago Oliveira, pela referências e palavras sábias sobre o tema.

Aos meus pais e irmã, que nunca deixaram de acreditar em mim e me ajudaram e apoiaram em todos os momentos da minha vida.

Aos amigos de sempre, que nunca me falharam e sempre me inspiraram.

Aos inesquecíveis amigos da Covilhã, presentes em toda a fase académica, de dia e de noite.

À Cláudia, Mimi, Paulo e Rafa, pela ajuda e hospitalidade.

A toda à família, pela carinho e diversão.

A todos vocês, o meu muito obrigado.



## Resumo

A cidade de Lisboa experienciou uma significativa redução populacional entre os anos 1980 e o início do presente século, verificando-se uma distribuição dos residentes mais antigos da cidade para zonas mais afastadas do centro, nomeadamente para as suas periferias e para os crescentes subúrbios a Norte e Sul, originando a expansão da Área Metropolitana de Lisboa e estabelecendo uma malha urbana policêntrica e fragmentada. A Zona Oriental da cidade também sofreu este fenómeno de expansão graças à redistribuição populacional, em particular a área do Parque das Nações, com novas áreas qualificadas, no âmbito da operação de reconversão levada a cabo no âmbito da Exposição Mundial de 1998. Infelizmente, esta qualificação não afetou a freguesia de Marvila, nomeadamente o Vale de Chelas, que se apresenta hoje como um enclave de grandes dimensões e com grandes necessidades de mudança.

Já a frente ribeirinha da atual freguesia de Marvila tem vindo muito recentemente a sofrer transformações e é considerada pelos seus novos moradores como uma área com muito potencial, com cada vez mais projetos habitacionais e empresas a sediar-se nas antigas instalações de fábricas que operaram durante largos anos nesta zona.

Apesar desta reocupação de espaços devolutos ser positiva, afeta apenas uma pequena percentagem de território, a Este da linha de caminho de ferro, sendo que a realidade da restante freguesia, a Oeste da linha, muito diferente. Chelas, apesar do seu passado rural marcado por inúmeras quintas e espaços de lazer das classes mais altas da sociedade, evoluiu depois do Plano de Urbanização de Chelas para um território que durante muitos anos se entende como problemático, dividido entre vazios urbanos e densos blocos habitacionais, fraturando qualquer lógica urbana possível.

É precisamente esta zona mais esquecida da freguesia de Marvila o foco para o “Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millenium bcp”, inserido no programa da 5ª edição da Trienal de Arquitetura e que se realiza no presente ano de 2019.

Esta é uma das iniciativas desenvolvidas com o objetivo de qualificar esse território pois, apesar da enorme área que Chelas representa, é ainda uma zona que sofre o preconceito do passado e é também pouco apelativa no que diz respeito a atividades que possam atrair população das de outros espaços da cidade, ao contrário da frente ribeirinha, que neste momento se encontra na situação oposta.

## Palavras-chave

Marvila | Passado-Presente-Futuro | Plano de Urbanização de Chelas | Trienal de Arquitetura



# Abstract

Lisbon experienced a large reduction of its population between 1980 and the beginning of this century, since its older residents distributed themselves to areas far away from the center of the city, namely to its peripheries and constantly growing suburbs at North and South, expanding the Metropolitan Area of Lisbon and establishing a polycentric and fragmented urban network. The eastern zone of the city also suffered this growing phenomenon thanks to that redistribution, particularly Parque das Nações' area, with new qualified areas, within the operations of restructure for the Lisbon World Expo 1998. Unfortunately, this qualification didn't make any difference in Marvila, neither in Vale de Chelas, which today represents an enclosed territory with many needs for change.

Marvila's waterfront has changed in the recent years, being considered by its new habitants as a zone with great potential by its waterfront, with ever growing construction projects and companies locating themselves in the old factory quarters, which operated there for many years.

Even though this reoccupation of empty spaces is seen as positive, it is only a small percentage of Marvila's territory, on the East side of the railway, while, on the West of the railway, we find a different scenario. Chelas, despite its rural past and being marked by innumerable farms and leisure spaces for wealthy people, it has evolved, due to the Chelas Urban Plan, into a territory that, over the years, has been understood as problematic, divided into urban voids and heavy habitational blocks, fracturing any possible urban logic.

Is precisely this forgotten zone of Marvila the focus of the "Lisbon Triennale Millennium bcp Universities Awards Competition", part of the 5<sup>th</sup> edition of the Lisbon Architecture Triennale Program that takes place on the present year of 2019.

This is one of the initiatives that aim the qualification of the territory because Chelas, even though it has one of the biggest areas of Marvila, is a zone that still suffers from its past and is one of the least appealing zones for activities to lure people from the outside of Marvila, unlike its waterfront, which now shows the opposite scenario.

## Keywords

Marvila | Past-Present-Future | Chelas Urban Plan | Lisbon Architecture Triennale



# Índice

## PARTE I - Projeto Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila

## PARTE II - Cidade e Fragmentação

<b>1.Introdução .....</b>	<b>1</b>
Objetivos do trabalho.....	1
Metodologias de investigação .....	2
Justificação do tema.....	3
Estrutura do trabalho.....	4
<b>2.Projeto de um Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila .....</b>	<b>7</b>
Introdução.....	7
A proposta no âmbito da Unidade Curricular de Projeto V.1.....	11
A proposta no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura de Lisboa .....	23
Síntese .....	37
<b>3.Análise e caracterização do objeto de estudo.....</b>	<b>39</b>
<b>Evolução urbana de Lisboa com perspetiva na área de estudo (1598-1966) .....</b>	<b>39</b>
Introdução .....	39
Análise sequencial da cartografia histórica .....	41
Síntese .....	43
<b>Plano de Urbanização de Chelas - 1964 .....</b>	<b>45</b>
Introdução .....	45
Plano de Urbanização de Chelas.....	47
Síntese .....	57
<b>Evolução da área de estudo desde o início da execução do PUC .....</b>	<b>59</b>
Introdução .....	59
A execução do plano - o que falhou? .....	61
O território de Chelas na atualidade.....	67
Síntese .....	75
<b>Ações recentes e futuras sobre o território .....</b>	<b>77</b>
Introdução .....	77
Equipamentos/serviços e ações/eventos e a sua localização na freguesia.....	79
Análise dos resultados .....	83
Síntese. Reflexão crítica sobre os dados analisados .....	87
<b>Síntese .....</b>	<b>89</b>
<b>4.Pós-projeto .....</b>	<b>91</b>
Reflexão crítica sobre o projeto realizado .....	91
<b>Conclusão.....</b>	<b>97</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>101</b>
<b>PARTE III - Diário de bordo: 17 de março de 2019</b>	



# Lista de Figuras

Figura 1 - Percursos informais atuais formam percursos mais expressivos

Figura 2 - Criação das duas praças e distribuição do programa de acordo com a sua função

Figura 3 - Esquema da criação da galeria

Figura 4 - Planta de implantação da proposta

Figura 5 - Corte e planta esquemático dos possíveis usos do vão-livre

Figura 6 - Tipos de fachadas diferentes

Figura 7 - Desenhos da proposta

Figura 8 - Maquete da proposta

Figura 9 - Extrato do alçado Noroeste - proposta no âmbito da UC Projeto V.1

Figura 10 - Extrato do alçado Noroeste - proposta no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura

Figura 11 - Extrato da planta à cota 49.00 - proposta no âmbito da UC Projeto V.1

Figura 12 - Extrato da planta à cota 49.00 - proposta no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura

Figura 13 - Gravura de Lisboa, realizada por Jorge Braunio em 1598 (Fonte: <http://purl.pt/22208>)

Figura 14 - Planta de Lisboa, desenhada por João Nunes Tinoco em 1650 (da Silva, 1950)

Figura 15 - Planta de Lisboa, sem autor conhecido, desenhada em 1780 (da Silva, 1950)

Figura 16 - Planta de Lisboa, desenhada por Francisco D.M.F. em 1785 (da Silva, 1950)

Figura 17 - Planta de Lisboa, sem autor conhecido, desenhada em 1855 (da Silva, 1950)

Figura 18 - Planta de Lisboa, desenhada por Frederico R. G. L. em 1899 (da Silva, 1950)

Figura 19 - Planos de urbanização para o território de Chelas (GTH, 1965)

Figura 20 - Fotografia aérea de Toulouse-le-Mirail (Fonte: <https://www.lalettrem.fr/actualites/836-nouveaux-logements-programmes-dans-le-quartier-de-la-reynerie>)

Figura 21 - Planta da rede viária de integração com a cidade (GTH,1965)

Figura 22 - Planta com a ocupação prevista do solo (GTH,1965)

Figura 23 - Planta com os espaços verdes existentes, espaços com interesse e aspetos a conservar (GTH,1965)

Figura 24 - Planta do zonamento geral do Plano de Urbanização de Chelas (GTH, 1965)

Figura 25 - Evolução das expropriações (Heitor, 2001)

Figura 26 - Evolução da operação (Heitor, 2001)

Figura 27 - Desenho de Le Corbusier - Villa Radieuse (Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>)

Figura 28 - Quadra Central de Chelas (Fotografia fornecida pela Prof<sup>a</sup>. Doutora Rita Ochoa)

Figura 29 - Conjunto habitacional “Pantera Cor de Cosa”, Bairro dos Loios (Fotografia do Autor)

Figura 30 - Conjunto habitacional “Cinco Dedos”, Bairro dos Loios (Fotografia do Autor)

Figura 31 - Edifícios da Rua Botelho de Vasconcelos, Bairro do Condado (Fotografia fornecida pela Prof<sup>a</sup>. Doutora Rita Ochoa)

Figura 32 - Construção do anfiteatro no Bairro Prodac - registo fotográfico tirado durante a construção (Fonte: [https://images.adsttc.com/media/images/58af/6b9f/e58e/ce2b/4500/0465/slideshow/PRODAC\\_Sul\\_Copyright\\_Nelson\\_D'Aires\\_\(7\).jpg?1487891340](https://images.adsttc.com/media/images/58af/6b9f/e58e/ce2b/4500/0465/slideshow/PRODAC_Sul_Copyright_Nelson_D'Aires_(7).jpg?1487891340))

Figura 33 - Anfiteatro no Bairro Prodac (Fonte: [https://images.adsttc.com/media/images/58af/6c60/e58e/ce2b/4500/046d/slideshow/PRODAC\\_Sul\\_Copyright\\_Nelson\\_D'Aires\\_\(11\).jpg?1487891537](https://images.adsttc.com/media/images/58af/6c60/e58e/ce2b/4500/046d/slideshow/PRODAC_Sul_Copyright_Nelson_D'Aires_(11).jpg?1487891537))

Figura 34 - Edifícios do Bairro do Armador (Fotografia do Autor)

Figura 35 - Hortas urbanas no Parque Urbano do Vale de Chelas, Bairro dos Loios (Fonte: <https://jra.abae.pt/plataforma/artigo/horta-urbana/>)

Figura 36 - Localização dos equipamentos/serviços e ações/eventos na freguesia de Marvila

Figura 37 - Proximidade dos bairros à localização do Concurso Movimento populacional previsto a partir da zona ribeirinha de Marvila

Figura 38 - Movimento populacional previsto a partir da zona ribeirinha de Marvila

Figura 39 - Área de influência das estações de metro e marcação da localização proposta

# Lista de Tabelas

Tabela 1 - Tabela relativa aos equipamentos/serviços presentes na freguesia de Marvila;

Tabela 2 - Tabela relativa às ações/eventos que ocorreram na freguesia de Marvila entre 2017 e junho de 2019.



## Lista de Acrónimos

CIUL	Centro de Informação Urbana de Lisboa
CML	Câmara Municipal de Lisboa
EGEAC	Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
GEU	Gabinete de Estudos de Urbanização
GTH	Gabinete Técnico de Habitação
ISEL	Instituto Superior de Engenharia de Lisboa
PDM	Plano Diretor Municipal
PE	Plano Estratégico
PGTH	Plano do Gabinete Técnico de Habitação
PRODAC	Associação de Produtividade de Autoconstrução
PUC	Plano de Urbanização de Chelas
UC	Unidade Curricular



# 1. Introdução

A Zona Oriental de Lisboa, tal como todas as zonas afastadas do centro, tem verificado um aumento da população graças à distribuição populacional das últimas décadas, em particular na área do Parque das Nações, que apresentou novas áreas qualificadas no âmbito da reconversão levada a cabo por ocasião da Exposição Mundial de 1998. A qualificação registada nesta operação não afetou a freguesia de Marvila, nomeadamente o território de Chelas, que após o Plano de Urbanização de Chelas evoluiu para um território fragmentado, dividido entre vazios urbanos e densos blocos habitacionais e que funciona como mero espaço de ligação física entre o Parque das Nações e as restantes zonas da cidade.

Mais recentemente, a frente ribeirinha da freguesia de Marvila tem vindo a sofrer transformações a nível social, sendo considerada uma zona com muito potencial, mas constituindo uma pequena parte da freguesia. A restante área da freguesia, o território de Chelas, é constituída por um conjunto de bairros ditos sociais que durante longos anos atravessaram vários problemas.

Atualmente, várias entidades tanto públicas como privadas, têm vindo a realizar várias ações e eventos de forma a dinamizar Marvila, sendo uma destas organizações a Trienal de Arquitetura, com o seu recente Concurso para a realização de um Centro Comunitário e Interpretativo, perto da antiga Quinta dos Alfinetes. Mas será este o equipamento e o local adequados para esta dinamização do território? De que maneira podem este tipo de ações contribuir para a qualificação de um determinado espaço urbano?

## Objetivos do trabalho

Como veremos, esta dissertação contempla diferentes etapas e, portanto, os objetivos diferem de fase para fase. Desde logo, é importante referir que o trabalho se assume como “prático-teórico”, na medida em que se inicia como um projeto de arquitetura desenvolvido na UC Projeto V.1 - desde o início acompanhado pelos seus dois orientadores-, o qual foi sendo questionado e modificado ao longo de todo o processo, perante um trabalho teórico que decorre de diferentes problemáticas levantadas por esse mesmo projeto.

Assim, numa primeira fase (prática), o objetivo colocado foi o de submeter o projeto realizado no âmbito da Unidade Curricular Projeto V.1 ao concurso organizado pela 5ª Edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa, com eventuais alterações que se consideraram necessárias.

Numa segunda fase (teórica), o objetivo colocado constituiu em estudar a evolução urbana da cidade de Lisboa e, em particular, da Zona Oriental, da freguesia de Marvila e do território de Chelas. Com a análise do Plano de Urbanização de Chelas, pretende-se perceber a forma como foi implementado no território e encontrar alguns motivos que levaram a zona de Chelas a passar de uma zona de lazer das classes altas, ao conjunto de bairros deprimidos que foram surgindo ao longo de todo este processo. O último objetivo desta fase será identificar estratégias e abordagens recentes de forma a melhorar a freguesia de Marvila.

Numa última fase (prático-teórica), foi necessário não só refletir sobre o processo aqui trabalhado, assumindo-se uma perspetiva crítica sobre a proposta desenvolvida, mas também sobre o próprio concurso formulado pela Trienal de Arquitetura.

## **Metodologias de investigação**

Como já foi assumido, a presente dissertação consiste numa abordagem “prático-teórica”, tendo como objetivo participar no Concurso realizado pela 5ª Edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa e como objeto de estudo a freguesia de Marvila, com destaque no território de Chelas. Este trabalho será dividido em três componentes principais, correspondendo por sua vez a três etapas temporais, com metodologias específicas em cada uma delas.

A primeira etapa consistiu na elaboração da proposta a submeter a Concurso, propondo um edifício comunitário e interpretativo em Marvila, com um conjunto de espaços que servirão a comunidade e com vista a dinamizar Chelas. Em termos metodológicos, foi realizada uma visita ao local tendo o contato com o território como prioridade e recorrendo a registos gráficos e fotográficos do mesmo. A elaboração do projeto fez-se com recurso a desenhos técnicos, maquetes de estudo e outros tipos de ferramentas de projeto e representação. Esta fase foi finalizada com a submissão da proposta, em 30 de abril de 2019.

A segunda etapa consistiu numa abordagem teórica ao local de projeto e sua envolvente, com diferentes níveis de abrangência, estudando primeiramente o desenvolvimento urbano de Lisboa com foco na Zona Oriental e depois o conjunto da freguesia de Marvila e o território de Chelas em particular. Este último será abordado com mais detalhe, através da análise do Plano de Urbanização de Chelas e a sua execução, encontrando depois as repercussões que existem na atualidade neste território em específico e na restante freguesia.

Dada a natureza desta etapa e em termos metodológicos, foi necessária uma pesquisa utilizando como fontes primárias a observação direta do espaço e análise *in situ*, com produção de registos fotográficos, e o estudo do Plano de Urbanização de Chelas, com os respetivos desenhos técnicos e plantas topográficas. Como fontes secundárias, serão utilizados diversos livros, teses

de doutoramento, artigos e publicações sobre o tema e ainda o recurso a imagens do *Google Earth* que ajudarão a perceber as características do território.

A última etapa consistiu no questionamento da abordagem prática, tendo em conta a parte teórica desenvolvida. Assim, toda a pesquisa e estudos foram utilizados para justificar a reflexão realizada no capítulo.

## **Justificação do tema**

O interesse pelo tema da presente dissertação surgiu, inicialmente, durante a realização do trabalho desenvolvido na Unidade Curricular de Projeto V.1, onde foi proposto aos alunos a criação de um projeto capaz de desenvolver e impulsionar o território de Chelas, situado na freguesia de Marvila. Desde o momento em que este desafio foi apresentado, surgiu a motivação para desenvolver o presente trabalho, numa tentativa de melhorar um território que, como se sabe, sofre inúmeros problemas sociais e contínuos fracassos a nível arquitetónico e de políticas urbanas.

Após uma visita ao local no passado mês de setembro de 2018, o aluno experienciou na primeira pessoa a incoerência arquitetónica que o território apresentava, nomeadamente o contraste entre vazios urbanos e blocos de habitação de grandes dimensões, variando entre o espaço urbano e o de características rurais sem uma lógica aparente. Todos os erros cometidos no passado a nível de planeamento refletem-se no presente e em particular na comunidade, que raramente é considerada em relação à melhoria da sua qualidade de vida, em comparação com outras áreas da capital e até da própria freguesia.

Surgiu também a curiosidade de compreender o desenvolvimento urbano de Chelas, as diferentes fases que atravessou e as razões que levaram a que chegasse ao ponto em que se encontra atualmente, com uma disparidade tão grande entre os seus bairros. Por fim, pretende-se indagar-se os bairros de Chelas são assim tão problemáticos como o preconceito que em relação a estes se formou.

Entende-se que a arquitetura pode e deve contribuir para resolver inúmeros problemas das sociedades contemporâneas. Neste sentido, este trabalho pretende de alguma forma contribuir para uma melhoria do espaço urbano e da qualidade de vida daquela comunidade em específico e, de uma forma global, da freguesia de Marvila e da própria cidade de Lisboa.

## Estrutura do trabalho

Tendo como base as metodologias e os objetivos referidos, a presente dissertação é organizado em 3 Partes, com os seguintes conteúdos:

### Parte I:

A dissertação inicia-se com o “Projeto de um Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila” e corresponde à proposta do Centro Comunitário e Interpretativo desenvolvido no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura. Esta etapa foi previamente desenvolvida na Unidade Curricular de Projeto V.1, em equipa e em coautoria com o aluno Mário Pedro Francisco Manso, tendo sido submetida em abril de 2019 a concurso com algumas alterações.

Os desenhos que aqui se apresentam (1 painel de tamanho A1 e 2 painéis A0) são uma evolução destas duas etapas anteriores, com diferentes escalas e optando por se retirar o corte à escala 1:50.

Sendo a primeira etapa a ser realizada, a presente dissertação será também iniciada pela sua componente prática.

### Parte II:

A segunda parte intitula-se “Cidade e Fragmentação: Projeto para a Trienal de Arquitetura de Lisboa” consiste na componente teórica da dissertação e contempla 4 capítulos.

O primeiro capítulo resume-se à Introdução da tese, sendo constituídos pelos objetivos do trabalho, as metodologias utilizadas, a justificação para a realização da dissertação e, ainda, à estruturação do trabalho.

No segundo capítulo, “Projeto de um Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila”, é explanado com mais pormenor todo o processo que levou à realização da Parte I com ambas propostas, tanto no âmbito da UC de Projeto V.1, como do Concurso da Trienal de Arquitetura. Apresentam-se também a construção do conceito, o desenvolvimento do programa, a materialidade da proposta e as alterações que foram realizadas *a posteriori*.

O segundo capítulo, “Análise e caracterização do espaço”, é dividido em 4 subcapítulos, sendo o primeiro constituído pelo estudo do desenvolvimento urbano e arquitetónico da freguesia de Marvila e em particular de Chelas e também pela análise da sua relação com o desenvolvimento urbano de Lisboa.

Os dois subcapítulos seguintes focam-se no território de Chelas, com a descrição do Plano de Urbanização de Chelas e a evolução da área de estudo desde o início da execução do mesmo até à atualidade, segundo e terceiro subcapítulos respetivamente.

No quarto subcapítulo, são identificados dois grupos de análise: ações/eventos e equipamentos/serviços, apresentando uma perspetiva sobre as dinâmicas recentes na freguesia de Marvila, pretendendo-se refletir sobre o eventual contributo de organizações públicas e privadas para o desenvolvimento deste território.

O quarto capítulo da Parte II, “Pós-projeto”, consiste na confrontação tanto da proposta submetida como do próprio enunciado do concurso com toda a vertente teórica da fase anterior. Depois de ter sido analisada o contexto atual da freguesia, será possível perceber quais os principais problemas e sugerir novas perspetivas de futuro que poderão apoiar a população tanto no território de Chelas como da zona ribeirinha de Marvila.

A Parte II finaliza com as considerações finais, procurando salientar alguns elementos chaves que possam responder às questões iniciais.

Parte III:

Nesta última parte é apresentado o diário de bordo realizado na segunda visita ao local, em 17 de março de 2019. Para além do contato com o território com respetiva observação direta do espaço, os objetivos traçados passariam por analisar as diferenças entre os pressupostos colocados pelo Plano de Urbanização de Chelas e o território como se encontra na atualidade, perceber algumas vivências do espaço, observar na primeira pessoa os seus residentes, perceber como possa ser o dia a dia no local e refletir sobre a arquitetura realizada e sobre o seu estado de conservação. Este diário funcionou como uma fonte primária para a análise do local, com registos fotográficos diversos, que ilustram os ambientes e vivências encontrados.



# 2. Projeto de um Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila

## Introdução

Após o Plano de Urbanização, o território de Chelas evoluiu para um território fragmentado, dividido entre vazios urbanos e densos blocos habitacionais.

É precisamente esta zona mais esquecida da freguesia de Marvila o foco do programa do “Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millenium bcp”, inserido na 5ª edição da Trienal de Arquitetura que se realiza no presente ano de 2019. Este Concurso é direcionado a estudantes de mestrado de escolas de arquitetura de todo o mundo, tendo sido a data limite para a submissão das propostas o dia 30 de abril.

A proposta que a seguir se apresenta teve como objetivo a participação no referido Concurso, o qual foi integrado no programa da UC de Projeto V.1 do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade da Beira Interior. Desta forma, numa primeira fase será abordado o projeto desenvolvido na referida UC, em coautoria com o aluno Mário Pedro Francisco Manso, que foi objeto de avaliação em janeiro de 2019 (painéis do respetivo em anexo). Esta proposta foi acompanhada desde setembro pelos dois orientadores da presente dissertação, a Prof. Doutora Rita Ochoa e o Prof. Doutor Jorge Marum, dado que desde o início do ano letivo se assumiu a integração da proposta desenvolvida no primeiro semestre no trabalho de Dissertação/Projeto e sendo essa a razão para este acompanhamento. Os principais objetivos da UC tinham como base o enunciado do Concurso e passavam por pensar o espaço público comunitário, promovendo novos usos e dinâmicas de funcionamento com o desenvolvimento de um projeto à escala de quarteirão, até à escala 1:20.

A primeira fase da presente dissertação, como já foi referido, foi desenvolvida entre setembro de 2018 e janeiro de 2019 e serviu de base para a segunda fase: a entrega no âmbito da Trienal de Arquitetura, em abril de 2019.

Na segunda fase serão averiguadas algumas questões que foram levantadas durante o processo antes descrito. Pretende-se que no fim, com um conhecimento maior em relação ao espaço a intervir como fruto da pesquisa realizada ao longo da realização da presente dissertação, se volte a olhar para o projeto realizado e alterar o mesmo positivamente. Durante esta etapa, foram modificados ainda alguns aspetos do projeto como a representação, de acordo com o

enunciado do Concurso, e a exclusão do parque de estacionamento subterrâneo, já que punha em causa o conceito do projeto.

### **Programa definido pelo Concurso**

No âmbito do Concurso em apreço, propunha-se conceber um Centro Comunitário e Interpretativo, com o objetivo de criar uma forte intensidade urbana através da sua linguagem arquitetónica (Trienal de Arquitetura de Lisboa, 2018). O objeto, de aproximadamente 3000 m<sup>2</sup> - com exceção dos espaços indispensáveis, tais como sanitários ou corredores -, deveria ser projetado tendo em conta as várias necessidades que as diferentes escalas, definidas no enunciado do Concurso, determinavam, desde a escala da comunidade à própria escala humana.

Começando pela escala maior, a escala da comunidade, pretendia-se a inclusão de um espaço de vão-livre na proposta de forma a poderem ser organizados uma série de eventos como concertos, projeções de filmes, eventos desportivos ou artes performativas, com uma área suficiente para que pelo menos 500 pessoas pudessem disfrutar desses espetáculos. A escala seguinte, a coletiva, remetia para os espaços de trabalho como salas de aulas e workshop, associados à área de exposições e de convívio, como espaços de restauração. A escala menor, a doméstica, remetia para a atenção à escala humana no projeto.

Sem programa formalmente definido, o desafio será encontrar uma lógica entre os espaços que cada escala exige, de forma a que todas as funções se suportem mutuamente, criando um edifício orgânico onde todos os espaços são interdependentes.

Apesar de mencionar a área total do objeto, como já foi referido, o programa do Concurso não revela as dimensões dos espaços das diferentes escalas. Apenas é mencionada uma estimativa da capacidade do vão-livre, mas não é exigida em concreto uma determinada área, o que concede, mais uma vez, liberdade programática ao participante.

Se em termos de programa as regras eram bastante livres, o mesmo já não se pode afirmar das questões de representação. Em concursos de arquitetura, frequentemente, é possível dar bastante expressão aos desenhos, nomeadamente através do uso da cor e de elementos gráficos como fotomontagens. Neste caso, o Concurso indicava um conjunto de regras de representação bastante rígidas, sem a possibilidade de utilizar a mancha ou linhas de diferentes cores como apoio nos desenhos técnicos submetidos, o que limitou bastante a fase de comunicação do projeto. Para a submissão da proposta era pedido um número rigoroso de desenhos técnicos, sendo eles a planta de implantação, duas plantas de pisos diferentes, um alçado, um corte perspético e uma perspetiva de olho de minhoca - esta última é pedida em painel A1 à escala 1:50 e em painel A3 à escala 1.100-. Caso o projeto venha a ser selecionado, o painel A1 com

a perspectiva de olho de minhoca será exposto na sede da Trienal de Arquitetura de Lisboa. Inicialmente, na apresentação do referido Concurso era exigido o envio da proposta em painéis por correio, no entanto, alterações ao regulamento ditaram o fim do desperdício de papel e de gastos desnecessários, tendo sido o envio da proposta apenas em formato digital.



## A proposta no âmbito da Unidade Curricular de Projeto V.1

O “Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millenium bcp”, promovido pela Trienal de Arquitetura de Lisboa, pretendia a elaboração de um Centro Comunitário e Interpretativo situado na freguesia de Marvila, em Lisboa. Como já foi referido, esta fase foi previamente desenvolvida na UC de Projeto V.1 em coautoria com o aluno Mário Pedro Francisco Manso.

A área de intervenção localiza-se na Zona Oriental de Lisboa, delimitada pelos blocos do Bairro das Salgadas a Sudoeste, pelas cinco torres do Bairro do Condado a Noroeste, pela antiga Quinta dos Alfinetes a Nordeste e pela Escola Básica de Marvila a Sudeste. Estas cinco torres, dada a sua altura, são uma espécie de miradouro sobre o terreno, mas funcionam também como barreira, impedindo uma conexão visual com o restante Bairro do Condado. O lote possui 12 500 m<sup>2</sup>, sendo que num corte longitudinal a diferença de cotas é de cerca de sete metros, e num corte transversal é de cerca de seis metros. Esta lote era suposto ser o local de construção do projeto da sede da Fundação Luso-Brasileira, idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer em 1991. Apesar da obra ter sido iniciada, a construção foi interrompida pouco depois, em 1999, não chegando a ser concluída.

Todo o terreno é utilizado, tanto pelo espaço público das praças e entradas para as mesmas que representam 4350 m<sup>2</sup> da área total do lote, como pelos espaços verdes que representam a restante área do terreno, sendo que todo o edifício construído se encontra sob parte desta área. O Centro Comunitário e Interpretativo é constituído por diferentes espaços distribuídos pelas duas praças, sendo a sua área total 3900 m<sup>2</sup>, não sendo contabilizado o parque de estacionamento subterrâneo localizado sob as duas praças por não ser referenciado no enunciado, mas nesta fase se ter considerado necessário.

## Construção do conceito

Tal como se encontrava definido pelo programa do Concurso, o foco inicial da proposta passava pela criação de um edifício para a comunidade, de forma a integrar os habitantes tanto de zonas próximas como, se possível, das restantes zonas da cidade. Projetar um edifício apenas como “ponto de reunião” destas pessoas seria limitar o equipamento, sendo que a solução passaria por encontrar outras funções para o mesmo e assim servir da melhor maneira a comunidade, de forma a poder usufruir do espaço de maneira mais ampla.

Após a visita inicial ao terreno, a 28 de setembro de 2018, e a partir da análise das fotografias aéreas do local (Fonte: *Google Maps*), um dos aspetos que mais se destacou foi o conjunto de percursos informais utilizados pela população não só apenas aqui neste terreno em específico, mas também em várias outras partes do território de Chelas como atalhos. Esta seria um dos pontos de partido do projeto, integrando e ampliando os espaços de passagem originais na proposta de forma a não alterar os percursos atuais da comunidade.

Os percursos informais encontrados no local serviram assim como base para os percursos formados através da simulação do uso intensivo dos mesmos, onde o terreno é “erodido” verticalmente acabando por criar caminhos mais expressivos, maiores ou menores segundo a frequência com que pareciam ser utilizados (Fig.1).

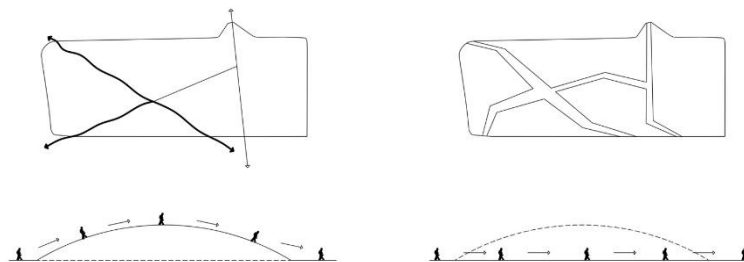


Fig. 1 - Os percursos informais atuais originam percursos mais expressivos

Na interseção destes caminhos propostos pelo projeto, criam-se duas praças: uma maior, de forma quadrangular, destinada à comunidade e com uma área de abrangência maior nomeada como praça pública; uma menor, de forma triangular, destinada à passagem dos habitantes mais próximos do centro. Com o espaço público criado, as duas praças e os percursos que permitem o seu acesso, as paredes das novas praças são “escavadas” no sentido horizontal, criando novos espaços e salas semisubterrâneas que, de acordo com a sua função em termos público/privado, são distribuídos pelas duas praças (Fig.2).

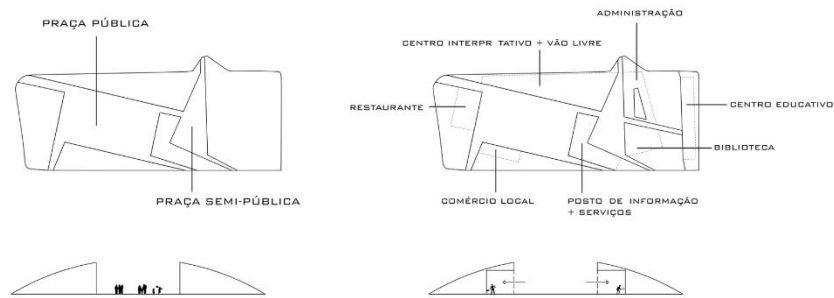


Fig. 2 - Criação das duas praças e distribuição do programa de acordo com a sua função

Nos espaços em que se preveria a necessidade de permanência no exterior - espaços comerciais, restauração, etc.-, as fachadas são recuadas dois metros para permitir esse aspeto, criando uma galeria com uma sequência de pilares que irão sustentar a cobertura, que se mantém na localização original desde a criação das praças (Fig.3).

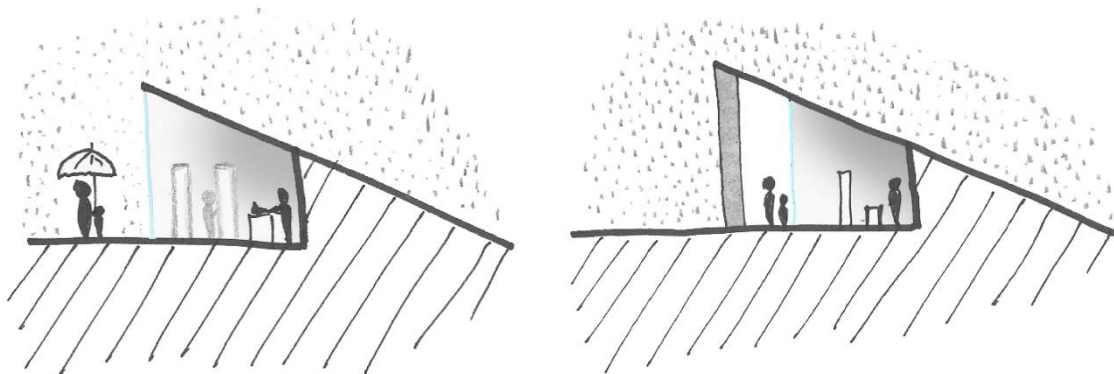


Figura 3 - Esquema da criação da galeria

O extenso espaço verde criado, constituído tanto pela cobertura verde como pelo restante terreno tratado, tem a função não só de contrariar a tendência para a crescente impermeabilização das cidades contemporâneas, mas também de funcionar como espaço de parque que pode servir a comunidade de inúmeras formas, melhorando também o ambiente gerado pelo projeto.

O resultado final acaba por ser um objeto escultórico que irá beneficiar as vistas a partir das cinco torres, mas também a partir de outras zonas mais elevadas da envolvente, proporcionando-se assim uma visão particular sobre a quinta fachada do Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila (Fig.4).



Figura 4 - Implantação da proposta

## Desenvolvimento do programa

Sem um programa rigidamente definido, houve a liberdade para propor novas funções, tendo sempre em conta as diferentes escalas e os espaços definidos no enunciado do Concurso.

Com o conceito previamente estabelecido de oferecer o edifício à comunidade, seria importante ter em conta a criação de um programa complexo e variado, não apenas com um vão-livre e uma sala de exposições, oferecendo o maior número de serviços possíveis, mas mantendo uma determinada lógica programática. Os focos principais estavam na formação da comunidade em diferentes sentidos e na promoção de espaço para os moradores, dando a oportunidade de albergar novos negócios através da criação de pequenos espaços comerciais.

O vão-livre exigido pelo Concurso foi pensado com a maior flexibilidade possível, como um espaço fechado exigido, mas com uma grande abertura para a praça pública, sendo possível, por exemplo, a adaptação de um palco para o exterior. Considerando a dimensão substancialmente maior da praça, permitiria um aumento exponencial do número de espetadores nos eventos que fosse necessário (Fig.5).

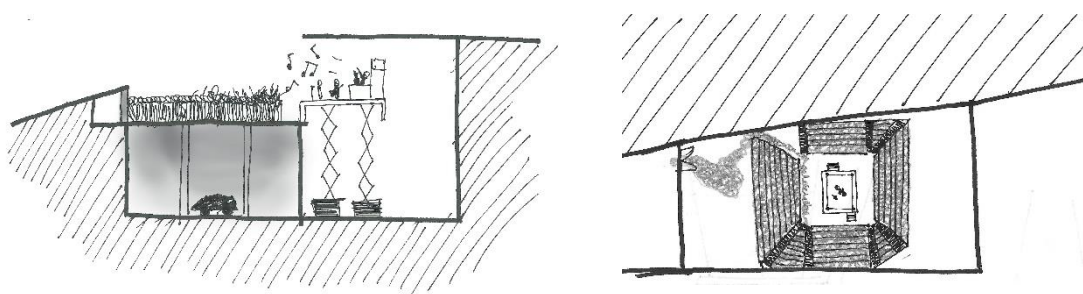


Figura 5 - Corte e planta esquemáticos dos possíveis usos do vão-livre

Ao vão-livre multifuncional junta-se o centro educativo e a área comercial e consideram-se necessários um espaço de restauração, uma sala de exposições e um espaço destinado à administração do Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila, com um pátio privativo que permite a luminosidade interior. Foram ainda adicionados ao programa espaços destinados a serviços da vida diária (postos destinados a empresas de eletricidade, água, comunicações) e uma biblioteca, com o objetivo de gerar mais espaços comunitários. Por fim, a faixa que separa as praças pública e semipública, que tem como função o acesso vertical ao parque de estacionamento subterrâneo, será também destinada a ser um posto de informações turísticas para os visitantes do Centro Comunitário e Interpretativo.

## Definição da materialidade do objeto proposto

Procurando a coerência com os conceitos desenvolvidos, em termos materiais, a proposta possui dois protagonistas, o betão e o vidro, com os quais se pretende transmitir a ideia de que os espaços públicos gerados tenham sido escavados tanto vertical como horizontalmente, envolvidos por uma estrutura maciça.

Nas paredes que envolvem a praça e os percursos e que suportam a cobertura, o betão é utilizado pelas suas características de firmeza, reforçando a ideia de se estar a uma cota inferior e, por isso, num espaço enterrando. Esse brutalismo que as paredes de betão transmitem, pretende dar a ideia de *bunker* a céu aberto, isto é, um local seguro debaixo da terra, mas ao mesmo tempo aberto. Os processos pelos quais o betão armado passa durante a construção, como as juntas, são propositadamente visíveis, expressando uma métrica nas paredes e evidenciando mais uma vez esse sentido de pureza, mas também deixando a ideia de um espaço robusto. No pavimento da praça é também utilizado o betão, em lajetas, dando continuidade à ideia de *bunker* a céu aberto e não deixando prever que, sob este pavimento, se encontra o piso do estacionamento subterrâneo.

A utilização do betão é interrompida sempre que surge um espaço do programa “escavado”, como o restaurante ou o espaço comercial, passando-se aqui para a utilização do vidro em toda a fachada orientada para a praça. Com o espaço de permanência nas galerias, a luz solar é menor - aliada à orientação da fachada -, utilizando o vidro em toda esta fachada de forma a permitir a maior de entrada de luz solar indireta possível. No caso da parede exterior do Centro Interpretativo e do vão-livre, o uso do vidro é interrompido por paredes de betão que seguem a métrica estabelecida pelos sistemas construtivos do betão, variando entre os dois materiais e limitando assim a intensidade solar que incide no interior dos espaços. Dada a particularidade do uso tanto no Centro Educativo como do Posto de Informação, o vidro ocupa ambas as fachadas, no caso do Centro Educativo de forma a entrar o máximo de luz, dado o seu propósito. No caso do Posto de Informação gerando transparência e ligação visual entre as duas praças criadas, já que a ligação formal é realizada através da passagem entre elas.

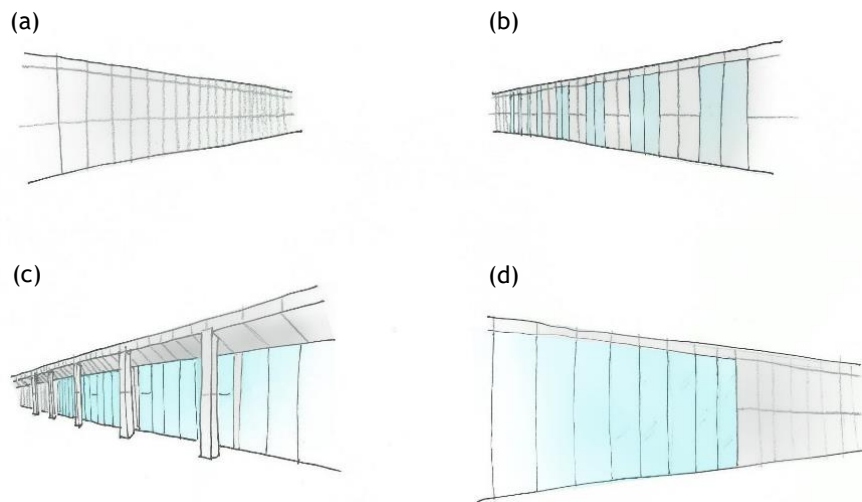


Figura 6 - Tipos de fachadas diferentes

Temos assim quatro tipos de fachada diferentes: a fachada em betão (a), com as suas juntas marcadas; a fachada de vidro interrompido pelas paredes de betão (b); a fachada em galeria (c), com os seus pilares e a sua galeria interior; e por fim a fachada em vidro (d).

O betão utilizado estruturalmente é também submetido no interior dos espaços, desta vez com um acabamento mais cuidado, de forma a aumentar o conforto dos seus utilizadores, sendo usado tanto para as paredes como para os tetos de alguns espaços - em espaços como os sanitários que não necessitam de um pé direito demasiado elevado, é utilizado o gesso cartonado hidrófugo tendo em conta a humidade que surge da utilização do espaço. Seguindo este pensamento de criar conforto para os utilizadores dos espaços interiores, o soalho em madeira é o material escolhido para os pavimentos, contrastando com as lajetas de betão utilizadas no exterior.

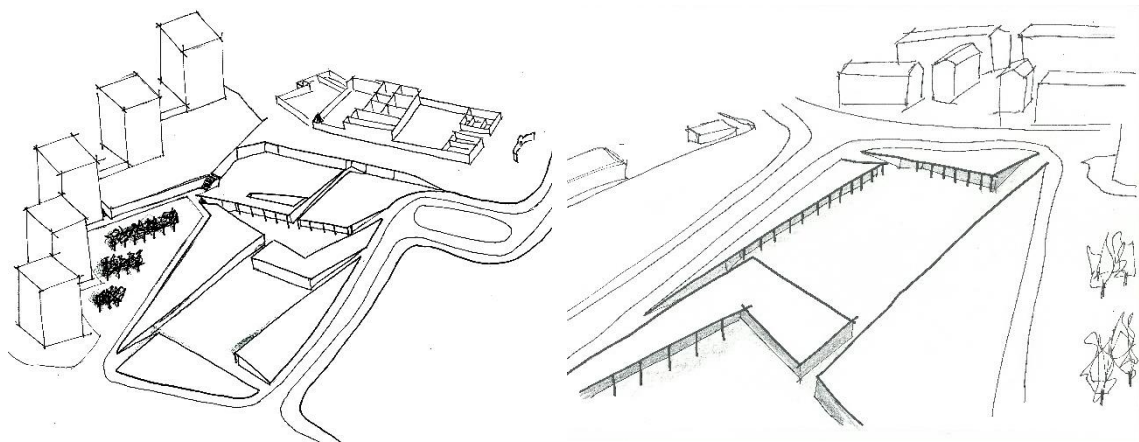


Figura 7 - Desenhos da proposta

A proposta final relativa à entrega final da UC de Projeto V.1 consistiu em 6 painéis de tamanho A1 na vertical, que seguiam uma continuidade horizontal, e ainda uma maquete com a proposta (Fig.8). Nestes painéis estavam expressos os seguintes aspetos: o título do projeto; esquemas conceptuais; as plantas de implantação, de estacionamento e as plantas relativas às cotas 49.00 e 54.00; um corte longitudinal e três transversais, sendo um deles um corte perspético e outro a uma escala maior (1:50), de forma a clarificar os materiais utilizados e soluções construtivas; quatro alçados interiores das fachadas referentes ao Centro Interpretativo e ao vão-livre, ao espaço comercial, ao restaurante e à administração, biblioteca e centro educativo; por fim, três fotomontagens de vistas das duas praças. Todos os elementos referentes à submissão da proposta para a avaliação da UC de Projeto V.1 encontram-se nas págs. 19 e 21, com uma redução em relação ao tamanho original.

Desta forma, esta proposta oferece à freguesia de Marvila um Centro Comunitário e Interpretativo com dois pontos fortes: atender as necessidades dos residentes mais próximos, através dos serviços da praça semi-pública, e atrair pessoas de toda a Área Metropolitana de Lisboa para a visitar os espaços públicos.

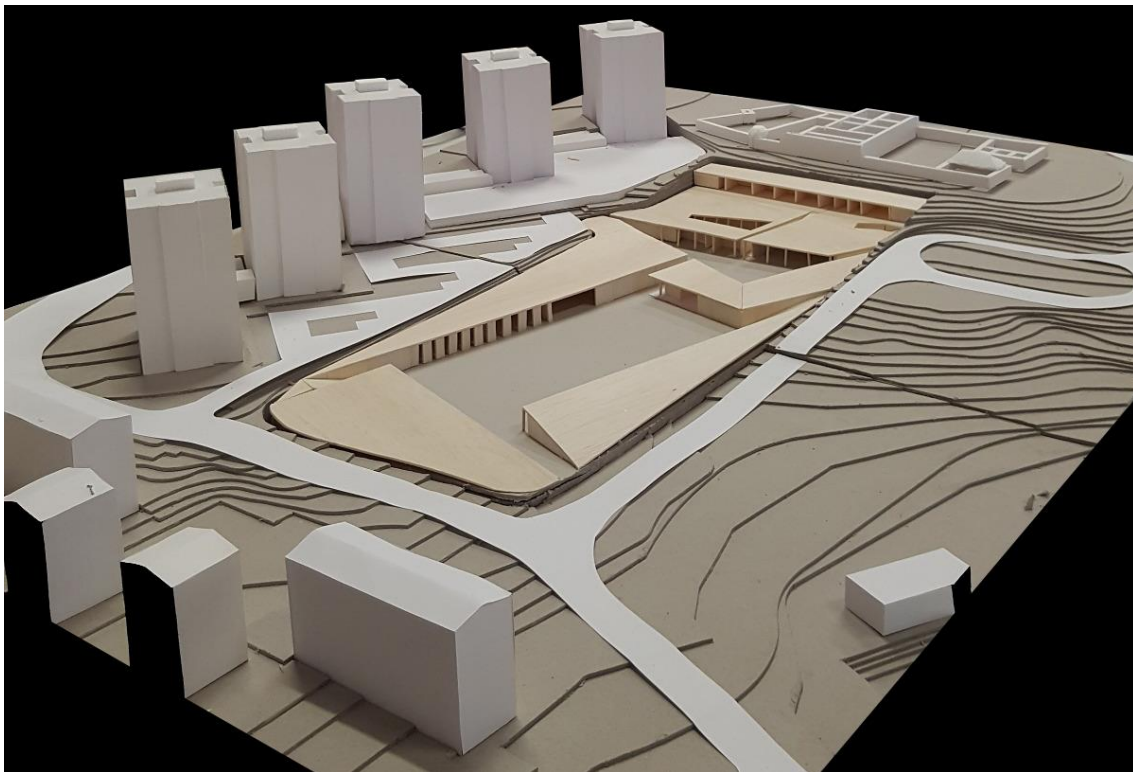


Figura 8 - Maquete da proposta









## A proposta no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura de Lisboa

Depois do projeto antes descrito ter sido objeto de avaliação, alguns trabalhos realizados pelos alunos da UC, entre os quais este, foram selecionados para a participação no referido Concurso, representando a Universidade da Beira Interior.

Assim, o passo seguinte passou por repensar a proposta, agora sem a preocupação de abordar os objetivos de avaliação exigidos pela UC, focando-nos apenas no Concurso e nos pressupostos por ele colocados. A principal alteração ao trabalho desenvolvido relacionou-se com o programa do projeto, nomeadamente com a eliminação do parque de estacionamento subterrâneo e a respetiva rampa de acesso, mantendo-se, no entanto, a mesma lógica de implantação. A razão na base desta exclusão vai de encontro com o conceito de edifício “escavado”, passando o piso térreo a ser na cota das praças - com exceção do vão-livre e dos acessos ao mesmo -, é mais coerente do que a artificialidade de ter um piso subterrâneo. Na proposta desenvolvida na UC, o parque de estacionamento subterrâneo foi inserido para facilitar o acesso ao Centro Comunitário e Interpretativo para os funcionários do Centro, achando-se uma boa opção para completar a proposta. Analisando os limites do terreno pode observar-se que existem parques de estacionamento muito próximos do local e, sendo assim, a coerência da proposta em relação à sua funcionalidade mantém-se.

A outra alteração à proposta desenvolvida anteriormente refere-se à comunicação da mesma, havendo a necessidade de alterar a representação gráfica para a submissão ao Concurso de acordo com o programa. No âmbito da UC de Projeto V.1, em termos de comunicação das ideias, era livre, com a possibilidade de utilização da mancha e da cor como fosse entendido e sem limitações tanto de desenhos técnicos como de imagens, esquemas ou *renders* para facilitar a compreensão dos conceitos e dos espaços. Esta política de representação é radicalmente diferente no concurso que, como já foi referido anteriormente, pressupunha um número limitado de desenhos técnicos, segundo normas de representação previamente estabelecidas e muito rígidas, tais como a proibição do uso da mancha - com exceção da planta de implantação -, por exemplo para as paredes do corte, e seguir tipos de linha presentes no ficheiro de exemplo - aplicando-se à espessura, tracejado, etc. - fornecido pela organização do concurso (Fig.9 e Fig.10).



Figura 9 - Extrato do alçado Noroeste - proposta no âmbito da UC Projeto V.1

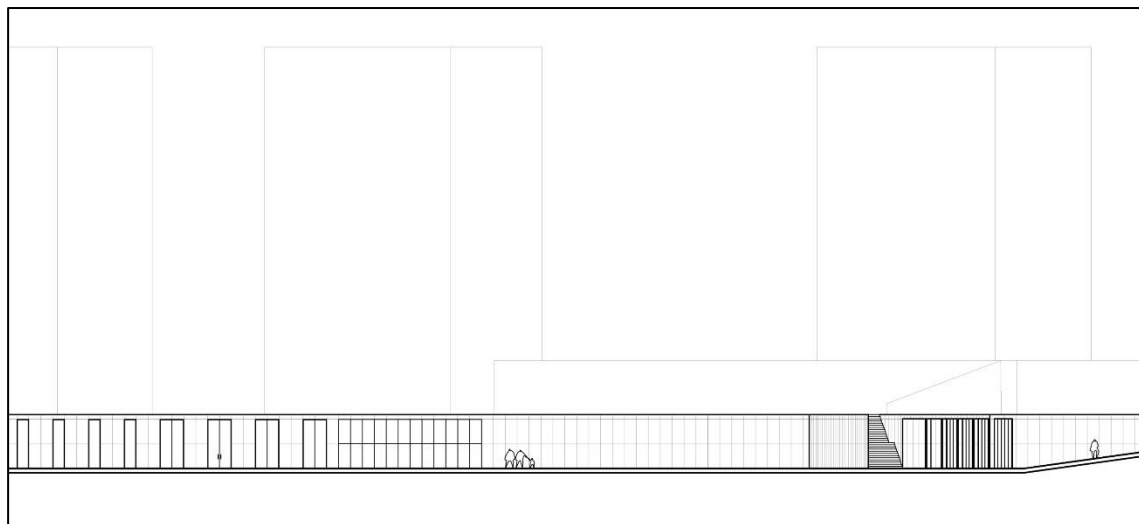


Figura 10 - Extrato do alçado Noroeste - proposta no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura

Apesar da escala de certos desenhos, como a planta de implantação ou a perspectiva olho de minhoca, serem indicadas, o participante tinha a liberdade de escolher a escala que melhor representava a peça desenhada, limitado sempre a uma folha A3, sendo que nesta proposta a maior parte dos desenhos técnicos estão representados à escala 1:500. As plantas foram assim simplificadas segundo a escala, nomeadamente os elementos dos sanitários e cozinha, e a mancha, presente nas paredes ou nos pavimentos da planta ou do corte, foi removida (Fig.11 e Fig.12).

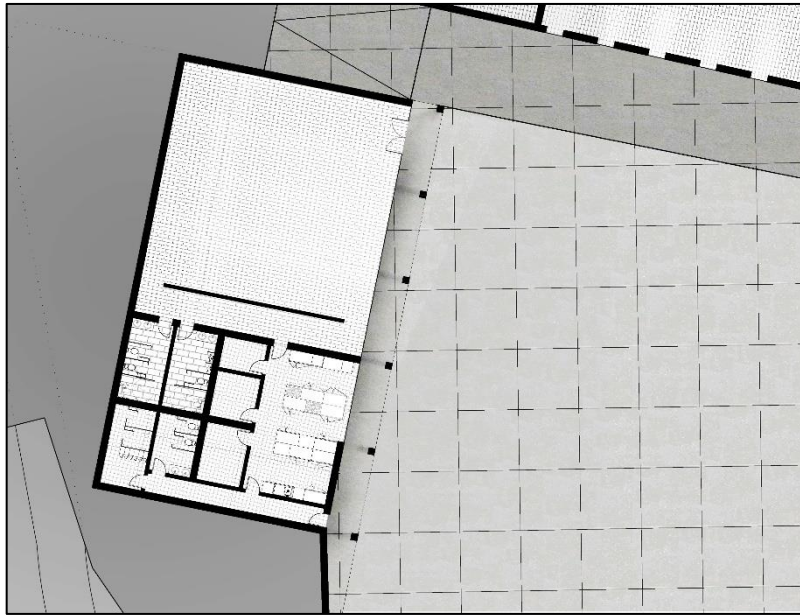


Figura 11 - Extrato da planta à cota 49.00- proposta no âmbito da UC de Projeto V.1

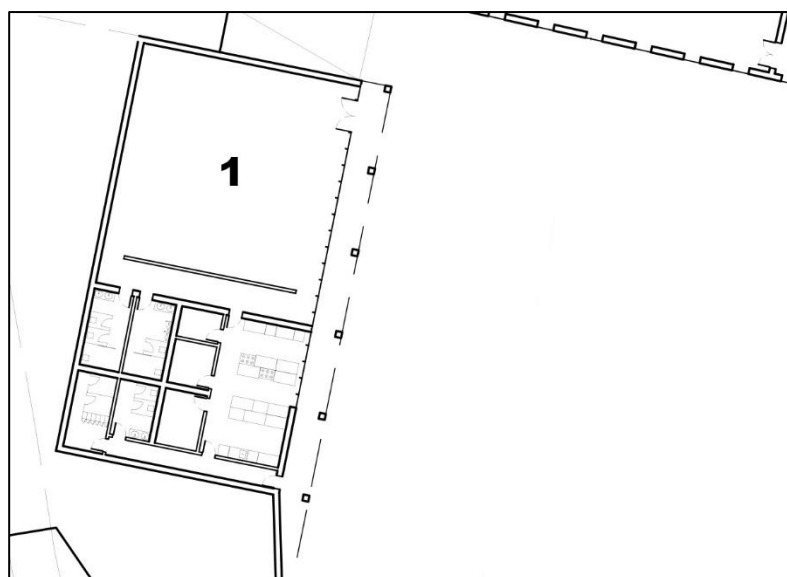


Figura 12 - Extrato da planta à cota 49.00- proposta no âmbito do Concurso da Trienal de Arquitetura

Como já foi referido, as imagens que facilitam muito a compreensão do objeto de arquitetura foram banidas, remetendo a explicação de toda a proposta a um texto, redigido em inglês e limitado a 430 palavras e ao espaço da folha limitado para o mesmo, o qual passamos a transcrever:

“The design strategy of this project aims to give the residents the full space of the proposal for their needs, having in mind all the possible scenarios that they can benefit from it, like paths, open spaces or green spaces. The program will be underneath the green spaces, giving all the area of the proposal for their enjoyment. The process to create this space starts with the visible paths of the existing terrain and the vertical erosion that using those paths cause. After those paths are marked, the intersections between them creates two big spaces, the new squares. These squares have different purposes, the first square is public and is for all the population, and the second square is aimed to closer residents, with more private functions. The shape of the project, opposing the green space with the squares and paths with different colours, creates a sculpture that the habitants of the five towers can enjoy.

The program was distributed having the function of both squares in mind, digging the terrain horizontally at the squares level to create it. The spaces aimed to all population, like the Restaurant, Local's Markets, Interpretive Centre or the Clear Span Space, are in the bigger one. The areas that are usually used by closer residents are in the semi-public square, like the Services, Library, Educational Centre and the Administration of the community centre itself. Between both squares it is located the Information Post that connects both squares. The Clear Span Space was thought as a multipurpose space with ten meters high, able to welcome all kinds of events. It can also open itself to the big public square, increasing his area substantially. As the title says, all the building is below ground zero (that being at the height of the green spaces) and with that underground thought in mind it makes sense to use the concrete for its rough characteristics as structure, walls and ceilings, as we end up always feeling that we are at a lower height that we should be. At the exterior, all the building process is left purposely, giving the building the metric expressed in all the facades. The interiors are intended to look like a “digged cave”, surrounded by concrete walls and ceilings, and with a glass wall that connects the interior with the public space outside.

This proposal gives Marvila a building with two powerful points: fulfils the necessities of the closer residents and attracts people from all over Lisbon and nearby cities to visit it.”

A proposta foi submetida no dia 24 de abril, seis dias antes da data limite para submissão de propostas, tendo sido elaborado um painel de tamanho A1 unicamente com a perspetiva olho de minhoca e oito painéis de tamanho A3, com o título do projeto - *“Below Ground Zero”* -, a implantação, um alçado - neste caso, o alçado Noroeste, representando essencialmente a fachada do Centro Interpretativo e do vão-livre -, a perspetiva olho de minhoca a uma escala menor, o texto explicativo da proposta, uma planta do piso térreo, uma planta do piso superior e um corte perspético, neste caso um corte transversal da praça pública. Os elementos referentes à submissão da proposta para a avaliação da UC de Projeto V.1 encontram-se nas páginas 27 a 35, com uma redução em relação ao tamanho original.

PAINEL A1 - P.27



PAINEL A0 - PARTE 1 - P.29



PAINEL A0 - PARTE 2 - P.31



PAINEL A0 - PARTE 3 - P.33



PAINEL A0 - PARTE 4 - P.35



## Síntese

A proposta antes apresentada representa um trabalho que decorreu durante sete meses e que se considera ter atingido os objetivos traçados tanto pela UC, como pelo Concurso da Trienal de Arquitetura. Apesar das diferenças entre as propostas serem residuais, a verdade é que se considera que o conceito desenvolvido foi eficaz na adaptação a ambos os objetivos colocados.

O edificado, que se apresenta com a particularidade de se encontrar sempre semisubterrado, melhora não só a componente térmica dos seus espaços, como também mantém o espaço verde da cobertura, permitindo uma permeabilização do espaço e melhorando o ambiente gerado pelo objeto elaborado, de características escultóricas.



### **3. Análise e caracterização do objeto de estudo**

1,5 cm {

**Evolução urbana de Lisboa com perspetiva na área de estudo  
(1598-1966)**

**Introdução**



## Análise sequencial da cartografia histórica



## Síntese



# Plano de Urbanização de Chelas - 1964

## Introdução

Desde o início do séc. XX, Lisboa expandiu-se em várias direções territoriais de forma a alojar a sua crescente população. O alargamento na direção Este, para a sua Zona Oriental, teve como objetivo criar novas urbanizações em antigos terrenos rurais que na sua maioria se encontravam abandonados. Para esta expansão ocorrer, foi necessário elaborar uma série de análises sobre o local para perceber em que estado se encontravam em termos físicos e demográficas, planos de urbanização e estudos em relação à viabilidade dos mesmos e das suas políticas de realojamento, de forma a manter a coerência entre estas novas áreas e as suas periferias, em termos formais - através de arruamentos e infraestruturas - e informais - através das relações entre populações vizinhas.

Com este capítulo pretende-se aprofundar o Plano elaborado para o território de Chelas, apresentado em 1964, o qual constitui o plano de maior dimensão de novas urbanizações da Zona Oriental de Lisboa. Depois de analisar o próprio plano original, os objetivos deste capítulo passam por expor quais foram as motivações, os conceitos e influências para a criação daquela malha específica, bem como observar os diferentes planos anteriores, focando os seus aspetos positivos e negativos. Pretende-se ainda entender como é que os autores do plano abordaram aspetos como os limites da zona industrial ou a proximidade ao aeroporto. Por fim, pretende-se compreender de que forma se propôs abordar a questão fundamental de criar um espaço novo, com uma população nova.

Como nota, é necessário referir que a análise seguinte não será realizada com demasiada exaustão, apenas referenciando as questões mais importantes do Plano, de forma a servir como apoio para a compreensão daquele território e, por conseguinte, como base para a elaboração dos capítulos seguintes.



## Plano de Urbanização de Chelas

O Plano de Urbanização de Chelas (PUC) foi um plano de urbanização aprovado a 22 de maio de 1964, com as recomendações do Conselho Superior de Obras Públicas, pelo então Ministro Eng. Arantes e Oliveira e que tinha como objetivo principal urbanizar o território de Chelas, até aqui uma zona maioritariamente rural. A área a intervir, na parte oriental da cidade, era limitada a Norte pela Av. Marechal Gomes da Costa, a Sul e a nascente pela Linha de Cintura de Lisboa e a poente pela escarpa que se desenvolve ao longo da Av. Gago Coutinho, um território que na sua maioria é marcado pelos seus grandes declives e acidentes geológicos.

A necessidade urgente de urbanizar este território surge após o “*Inquérito Habitacional aos bairros de lata e construções abarracadas existentes na área administrativa de Lisboa*”, realizado pelo Gabinete Técnico de Habitação (GTH) em 1960-1961, que revelou que 30% da população da freguesia de Marvila vivia em “bairros de lata” ou em construções sem condições de habitabilidade, enquanto que a média do resto da cidade se situava nos 5% (GTH, 1961). Este agravamento das condições de vida de parte da população surge do fluxo migratório anos antes e da generalização das carências habitacionais por parte da população maioritariamente operária.

O território de Chelas é inserido no Plano de Urbanização com a aprovação do Decreto-Lei nº 42454, de 18 de agosto de 1959, promovendo habitações de rendas acessíveis aos agregados familiares de menores recursos, na tentativa de apaziguar o problema habitacional de Lisboa da década de 50. Este Decreto-Lei tinha como base os dados dos censos de 1950 que apontavam para este grave problema na cidade e que mais tarde seria sustentado pelas conclusões do inquérito realizado pelo GTH antes referido (Heitor, 2001).

Antes do PUC, três planos já tinham prevista a expansão da cidade para esta zona, não só pela crescente industrialização da frente ribeirinha oriental e contínuo aumento do respetivo operariado, mas também pela necessidade de um sistema viário mais eficiente, que aproximasse esta área do centro da cidade (GTH, 1965). À época a ocupação do solo era predominantemente agrícola, sendo constituída por cerca de 70 quintas e um convento, indiferentes à expansão urbana que se registava em outras zonas da capital, com exceção da zona Sudeste, com construções e com vias com calçadas ou travessas, dada a proximidade com a zona industrial que se desenvolveu ao longo do século XIX e XX ao longo da frente zona ribeirinha da freguesia (Lourenço, 2003).

O primeiro plano, o Plano Diretor da Cidade de Lisboa (PDCL) elaborado entre 1938 e 1948 por Étienne De Groer, focava-se no aumento da densidade populacional, com a maior parte da malha edificada e com as zonas verdes a separar as zonas habitacionais e industriais. O segundo plano, o Plano do Gabinete de Estudos de Urbanização (PGEU), elaborado em 1958 pelo Gabinete de Estudos e Urbanização (GEU), preocupava-se com a criação de uma zona habitacional numa posição central da malha, reservando as periferias para as zonas industriais e para os espaços verdes que os bairros próximos também poderiam usufruir. O terceiro plano, o Plano-Base do Gabinete de Técnico da Habitação (PGTH), elaborado em 1962 por uma equipa coordenada pelo arquiteto José Rafael Botelho, fazendo parte os arquitetos, Francisco da Silva Dias, João Reis Machado, Alfredo Silva Gomes, Luís Vassalo Rosas e Carlos Worm e os engenheiros José Simões Coelho e Gonçalo Malheiro de Araújo (Heitor, 2015). Este plano aumentava as vias de ligação à restante cidade, mas limitava o núcleo de equipamentos à zona central de Chelas com a tentativa de atrair (por necessidade) a população das periferias para o interior da sua malha (GTH,1965; Heitor, 2001) (Fig.19).

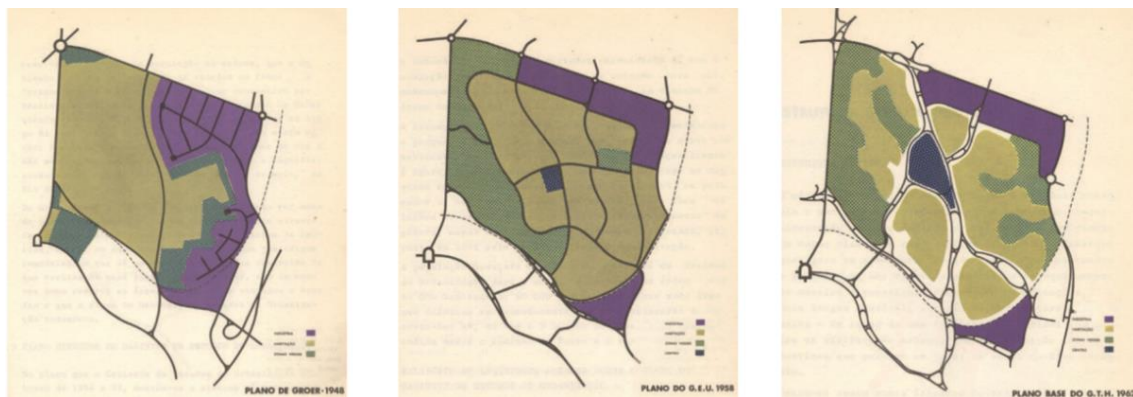


Figura 19 - Planos de urbanização para o território de Chelas:  
a) PDCL (1948), b) PGEU (1958), c) PGTH (1962)

O Plano de Urbanização de Chelas surge da revisão deste último PGTH, de 1962, com a mesma equipa a cargo da sua elaboração por se considerarem os profissionais indicados a nível nacional e que, apesar de manter os seus objetivos iniciais, altera os conceitos urbanos, rejeitando o conceito de estrutura celular e hierarquizada e a distribuição pontual do equipamento que já tinham sido utilizadas nos Planos dos Olivais, a Norte de Chelas, na tentativa de corrigir alguns problemas detetados nestas operações de urbanização, realizadas poucos anos antes (CIUL, 2001).

É com os planos de Olivais Norte e Sul que a iniciativa de empreendimento público dos anos 50 da capital se afasta da Carta de Atenas, até esse momento utilizada em Planos como o de Alvalade, de 1945-1948, consideravelmente próximo desta nova zona urbanizável de Lisboa. A influência dos Planos de Olivais provém das *New-Towns* inglesas (Oliveira, 2012), sendo o Plano

de Olivais Norte mais fiel a estes ideais, com um esquema viário principal e com uma estrutura verde que permitia uma grande liberdade na elaboração e solução formal dos projetos, que acabou por pôr em causa a coerência formal da proposta. Já o Plano de Olivais Sul resultou de alguma crítica ao plano anterior, dos Olivais Norte, fruto de debates e contestações dos conceitos aplicados, tendo como base uma estrutura celular. A sua malha foi dividida em 6 áreas, que correspondem às 6 células do plano - quatro destas células para habitação, uma destinada para o cemitério e habitação para realojamentos; uma para o centro-cívico comercial principal-, cada uma com as suas próprias zonas verdes destinadas ao lazer e com o equipamento escolar e comercial adequado (Heitor, 2015). Deste modelo urbano resultam dois extremos opostos: apesar das populações de cada célula serem independentes em termos habitacionais, com todas as necessidades relativamente perto das suas casas, a verdade é que em termos de empregabilidade as ofertas eram escassas, já que os postos de trabalho seriam limitados, o que levou a que a zona de Olivais tenha acabado por se caracterizar como uma “zona dormitório”, sem muita margem para mudança (Heitor, 2015).

O Plano de Urbanização de Chelas foca-se então na criação de uma estrutura única de organização unitária, influenciado pelas cidades de Hook, em Inglaterra, e Toulouse-le-Mirail, em França (Duarte, 1987), procurando uma distribuição linear do equipamento com longas ramificações através de todo o território (Fig.20). A morfologia urbana seguia um ideal direcional, reabilitando o conceito de rua, através de “zonas lineares de vida urbana intensa” (GTH, 1965:59), criando vivências entre toda a nova população através da circulação pedonal e também apoiada pelas ligações com as zonas periféricas com o intuito das mesmas participarem nesta vivificação das ruas. Estas zonas lineares eram constituídas por habitação de altas densidades, comércio, equipamentos (cultural, assistencial e religioso), polos de vivificação noturna e equipamento do sector terciário.



Figura 20 - Fotografia aérea de Toulouse-le-Mirail

As ligações com a cidade e também no interior da própria malha eram consideradas de grande importância, pois procuravam integrar esta vasta parcela no conjunto da cidade através de uma rede viária modelada sobretudo pela morfologia do terreno (Fig.21). Desta forma, seria necessária a construção de um viaduto no núcleo central, que permitiria a interseção das duas vias principais (Eixo NO-SE, ao longo do Vale de Chelas e eixo NE-SO, ligação entre Moscavide e Areiro) a diferentes níveis. A proposta assume tanto a continuidade edificada como as faixas de vida intensa como elementos estruturantes e a diversidade formal e espacial como fator determinante (GTH, 1965).

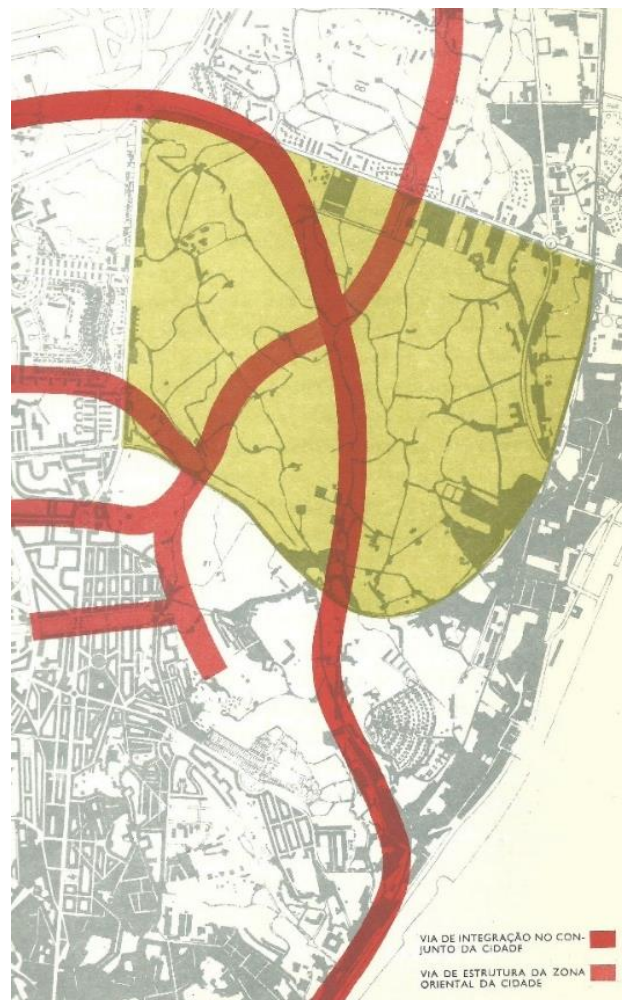


Figura 21 - Planta da rede viária de integração com a cidade

A zona habitacional, tal como o sistema viário, também foi adaptada à morfologia do terreno, sendo que estas áreas habitacionais se desenvolveram, sobretudo, em localizações com encostas menos inclinadas, nas cristas ou nos vales mais largos (Fig.22). Desta forma, a área onde era permitida a construção era limitada e a densidade ocupacional é levada ao limite sempre que outros condicionantes, tais como a proximidade ao aeroporto, não sejam aplicados. Esta limitação pela proximidade ao aeroporto é evidente na parte ocidental da malha, que é consequentemente reservada para o atual parque urbano da Bela Vista.

No geral, estava prevista a construção de 11 500 fogos, sendo que as operações de realojamento teriam de ter em conta os laços de vizinhança previamente estabelecidos, com intuito de juntar grupos organicamente relacionados, voltando-se ao conceito de rua, o qual conectaria toda esta área edificada através das já mencionadas “faixas de vida urbana intensa” (Heitor, 2001).

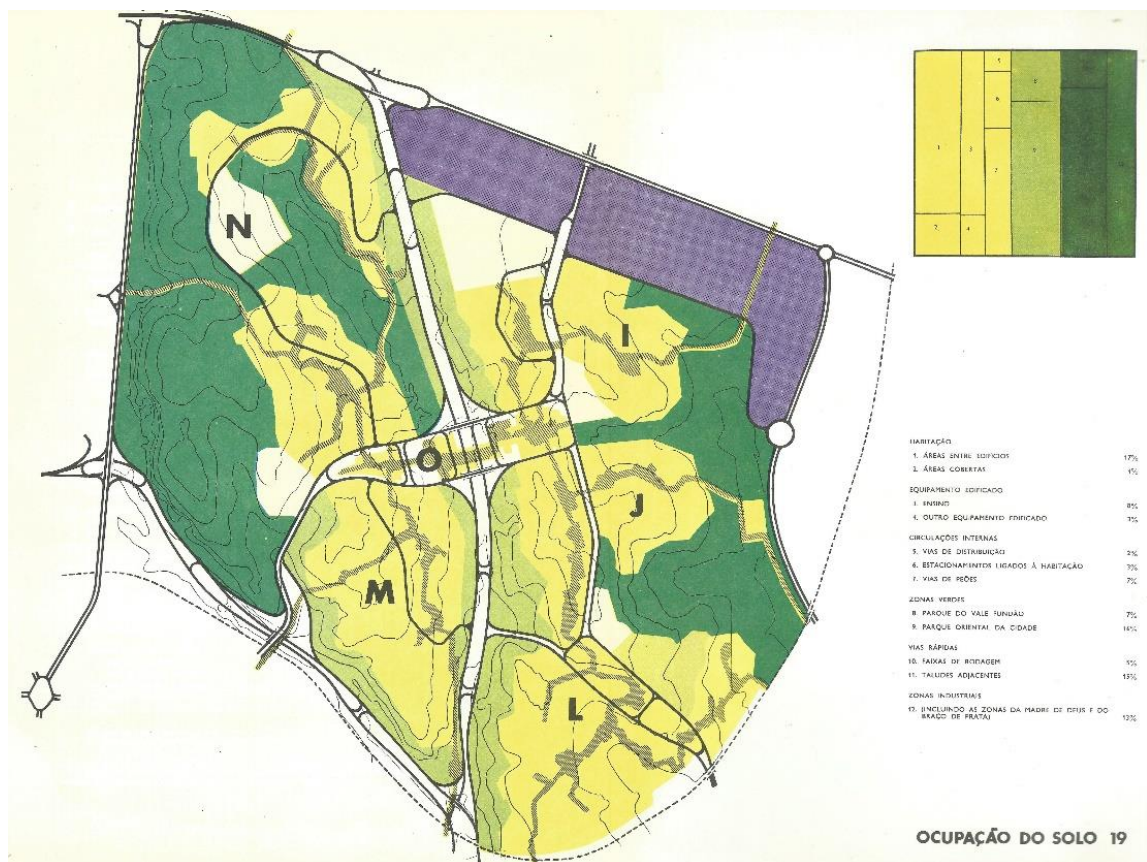


Figura 22 - Planta com a ocupação prevista do solo

A equipa que elaborou o PUC sempre se focou na saúde ambiental de Chelas e, com a zona industrial tão próxima e maioritariamente construída, a zona verde seria essencial para reduzir a poluição que provém deste tipo de atividades. Assim, a zona verde funciona não só como espaços públicos que servem a população em vários sentidos ou como fixação de zonas de talude, mas também como “proteção contra as consequências da presença próxima de indústrias poluentes” (GTH, 1965:82). As zonas de maior declive ou as zonas não aptas para a construção de habitação, seriam sempre destinadas a espaços verdes, sendo que a área total de espaço verde ocuparia cerca de 160ha -31% da área de Chelas-. Seriam criados dois parques: o Parque da Bela Vista, a ocidente da malha urbana - no qual a construção não é possível pela sua proximidade ao aeroporto - e o Parque do Vale de Fundão, a oriente - reforça os limites da zona habitacional e da zona industrial (Fig.22).

O equipamento previsto no PUC tem como objetivo satisfazer as atividades económicas, culturais, recreativas e sociais da nova população, sendo distribuído de forma hierarquizada ao longo da malha de Chelas. O conjunto de equipamentos seria dividido em quatro escalões de acordo da sua “frequência de utilização” e com o seu “raio de influência” (GTH, 1965:88). O primeiro escalão, mais baixo, era reservado a equipamentos de uso diário, com uma grande importância local, mas baixa importância em relação aos bairros restantes da malha, tais como escolas primárias; e o quarto escalão, o mais alto e com os equipamentos mais importante na globalidade da operação com raios de influência que superam a área abrangida pelo PUC, como hotéis de luxo.

No Plano estava ainda previsto a conservação de uma série de conventos ou quintas com importância municipal, tais como o Palácio da Quinta do Marquês de Abrantes, a Quinta da Bela Vista e a Quinta das Salgadas e, ainda, uma rede de azinhagas que, apesar de terem sido criadas para percursos rurais, fariam parte das novas vias pedonais (Fig.23).

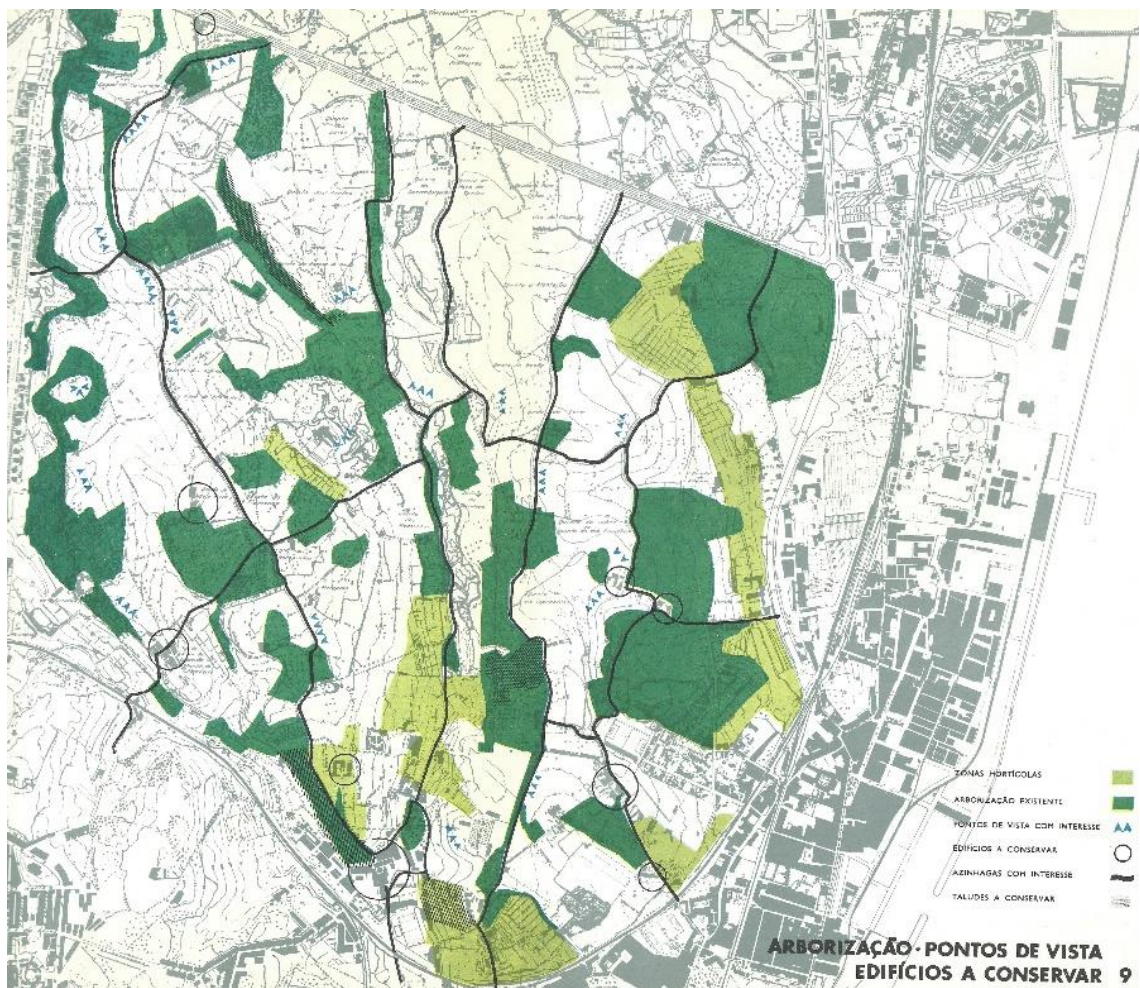


Figura 23 - Planta do PUC com os espaços verdes existentes, espaços com interesse e aspetos a conservar

Na planta de zonamento geral (Fig. 24) podemos observar todo o plano sintetizado, com esta ligação entre os sistemas de ligação viários e pedonais, considerados de grande importância para a operação pela sua monumentalidade. É importante destacar a grande área de espaço verde que ocupa a maior parte do território, a par com a zona habitacional, distribuída de uma forma inconstante devido às suas limitações geográficas. Apesar das áreas verdes e dos parques funcionarem como “filtros” da poluição da zona industrial, a verdade é que na zona I não há essa divisão entre zona industrial e zona habitacional, o que poderia prejudicar os seus habitantes. É também de ressaltar a quantidade de estabelecimentos de ensino que serão distribuídos por toda a malha (a laranja, na planta).

O Plano de Urbanização de Chelas teria, no entanto, difíceis tarefas pela frente, não só pela ambiciosa ideia de criação de uma nova cidade a partir de uma zona eminentemente rural, com grandes condicionantes topográficas e geológicas, mas também conseguir criar vivências entre a sua nova população, 50 000 novos habitantes, que se previa que fossem de estratos sociais variados, sendo que apenas 10% do total das habitações seriam destinadas a realojar famílias dos bairros de lata próximos (GTH, 1965).

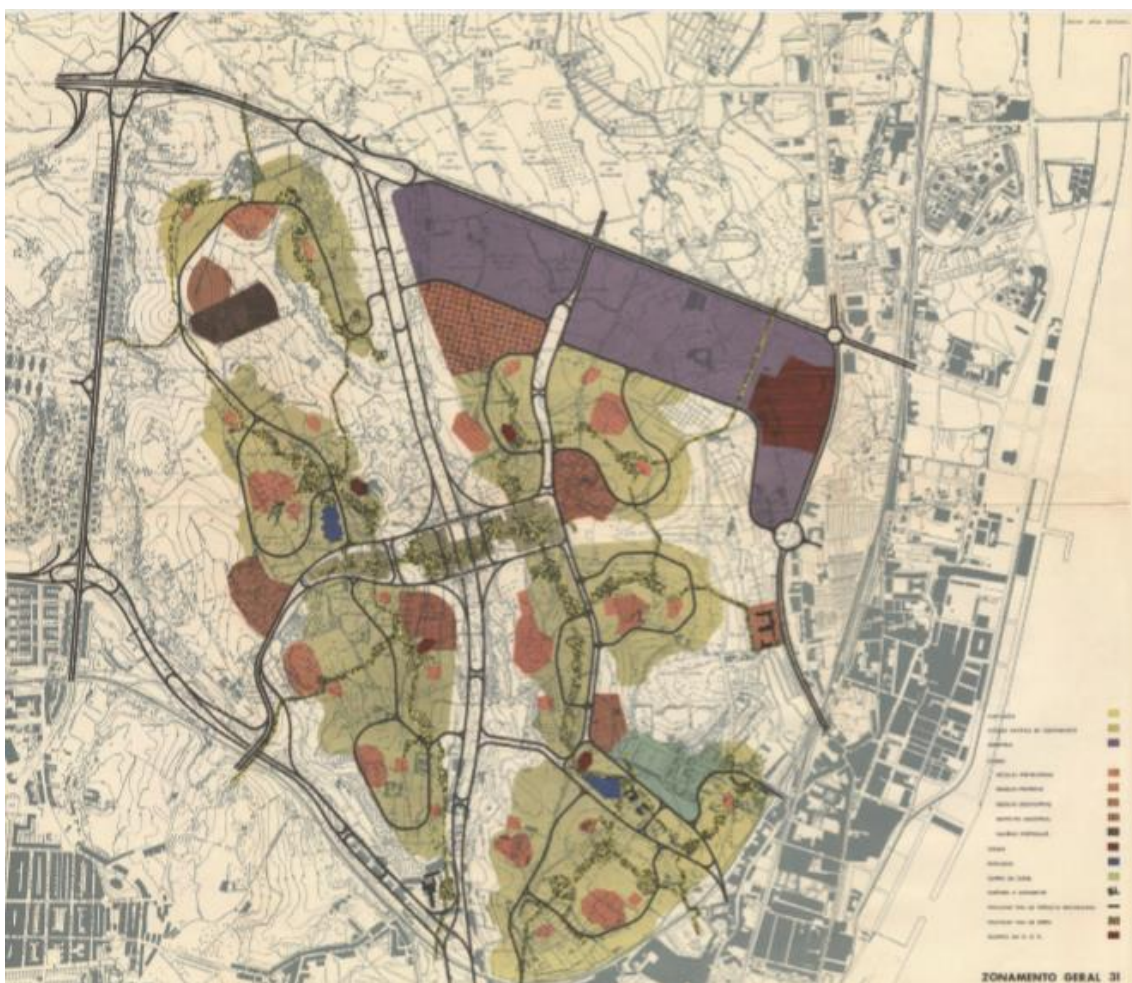


Figura 24 - Planta do zonamento geral do Plano de Urbanização de Chelas (GTH, 1965)

Legenda:

-  Habitação
-  Indústria
-  Ensino
-  Vias pedonais



## Síntese

O inquérito realizado pelo GTH em 1960-1961 provou que, apesar da população de Lisboa continuar a crescer e a cidade continuar a sua rápida expansão, os seus habitantes passaram por muitas dificuldades, revelando não só a falta de habitação da capital do país, mas também a falta de rendimentos da classe mais baixa para poder ter uma vida digna. O Plano de Urbanização de Chelas revelou-se essencial na tentativa de apaziguar esta situação, já que, dada a sua extensão, poderia albergar milhares de novos habitantes e, com uma renda baixa, os habitantes dos então bairros de lata poderiam usufruir de uma habitação com condições de habitabilidade mínimas.

Tendo como base as influências das novas cidades de Hook e Toulouse-le-Mirail, os autores pretendiam criar uma extensa urbanização ao longo da malha de Chelas conectada com a cidade e entre si, tanto a nível habitacional como a nível pedonal. O PUC revela-se um plano ambicioso e que, dada a sua dimensão, acaba por configurar uma nova urbe. No caso de ser realizado como era previsto inicialmente, estariam criadas condições para uma “cidade utópica” dentro de Lisboa, com um novo conceito de cidade e de vida diária para a população, seguindo esse contato permanente com a vizinhança através das zonas lineares de vida urbana intensa. O PUC afastava-se, assim, dos seus planos vizinhos, de Olivais Norte e Sul, seguindo uma lógica linear e não unitária como tinha sido utilizada nesses planos, dos quais foi crítico e tentou provar que a distribuição linear seria a melhor solução para o território de Chelas.

Outros dos aspetos mais importantes do PUC em relação à cidade de Lisboa era o sistema viário proposto, conectando diferentes pontos da cidade de uma forma eficiente e acabando assim com os problemas topográficos presentes ao longo do território do Vale de Chelas. Com a nova rede viária, as antigas azinhagas deixam de ser as únicas vias de ligação no interior do território de Chelas, possibilitando a sua evolução social e económica.

Apesar de todo o potencial e expectativa que este ambicioso Plano criou, ao longo da sua execução estes aspetos não se verificarão, com inúmeros contratemplos e desvios do plano original que prejudicaram a realização do mesmo e levou aos problemas verificados na atualidade, como veremos no próximo capítulo.



# Evolução da área de estudo desde o início da execução do PUC

## Introdução

Com a aprovação do Plano de Urbanização de Chelas em 1964, é esperado que a sua execução se iniciasse o mais depressa possível, dado que, apesar de ser estimado o final do séc. XX como a data de finalização da operação, a população que vivia nas proximidades necessitava no imediato de melhores condições de vida e de uma habitação digna. Ao longo do seguinte capítulo será analisada a execução do PUC ao longo dos anos, procurando-se compreender se este plano seria, ou não, demasiado ambicioso para os estados socioeconómicos pelos quais o país passou durante esta operação urbanística.

Vários autores analisaram o Plano de Chelas e a sua implementação no território, relatando a evolução temporal e construtiva da operação, apontando as fases mais importantes do plano e mencionando as razões que, segundo os seus estudos, levaram ao fracasso da operação. Estas análises serão as principais fontes aqui utilizadas para melhor compreender como é que esta execução, ao longo de mais de 50 anos, levou ao estado atual de Chelas.

Completamente, estas referências serão cruzadas com a observação do território *in situ*, no estado em que se encontra atualmente, efetuada pelo autor deste trabalho. Esta observação direta do território é aqui convertida num relatório, constituindo assim uma fonte primária para analisar o estado em que o conjunto dos bairros de Chelas se encontra hoje, pretendendo remeter aos ideais do plano original e procurando abordar com mais detalhe os aspetos positivos e negativos que mais se destacaram no território. Esta análise poderá conter alguma subjetividade que é assumida, pois pretende estar de acordo com a forma como o aluno assimilou e apreendeu aquele território. Será realizado desta forma e não como uma análise descritiva do espaço, pretendendo-se obter uma aproximação à realidade próxima da dos residentes daquele espaço urbano. Desta forma, pretende-se por fim refletir sobre a forma como um plano com uma dimensão tão considerável como a do PUC, com os seus ideais específicos e com as condicionantes que foram surgindo ao longo do tempo, poderá resultar e afetar a vida de de uma fatia tão grande da população da cidade e, desta forma, entender o estado atual do objeto de estudo.



## **A execução do plano - o que falhou?**

Quando o PUC começou a ser elaborado, nos anos 60, o primeiro dos entraves à sua concretização já afetava a operação, remetendo a décadas anteriores: o atraso na expropriação dos terrenos onde a CML já pretendia expandir a cidade, ou seja, de toda a área a que o plano se aplicava. Uma das razões para este atraso deveu-se a que, quase na sua totalidade, os terrenos a expropriar eram rurais e ainda se encontravam em posse de privados, o que não facilitava a concretização da aquisição por parte da autarquia (Fig.25). Esta demora em relação aos outros planos, que não sofreram esta questão de forma tão marcante, surge da grande extensão do território de Chelas que, em comparação às outras operações urbanísticas mais próximas - Olivais Norte e Olivais Sul-, representa uma extensão mais de duas vezes superior à área destas duas intervenções na sua totalidade (CIUL, 2001).

Outro contratempo surgiu com a falta de financiamento que a CML disponibilizava visto que, ao mesmo tempo que elaborava os vários planos urbanísticos da época, também estava a cargo das expropriações dos terrenos abrangidos pelos mesmos, da construção da rede de infraestruturas essenciais para o início da execução dos planos e nalguns casos, inclusive, da construção das habitações que já tinham sido iniciadas (Lourenço, 2003). Sem a expropriação de uma parte considerável dos mais de 500ha de terrenos do território de Chelas, não se poderia dar início a qualquer tipo de operação, sendo que a opção de dar prioridade às expropriações por zonas seria a melhor solução para se dar início à operação o mais rápido possível.

Assim, o PUC não teve a mesma sorte que os planos vizinhos dos Olivais, que usufruíram de recursos financeiros para a concretização da sua operação, pois na época da realização da operação em Chelas, Portugal encontrava-se numa situação instável a nível político e financeiro, sofrendo com o esforço da guerra colonial e, mais tarde, com a revolução de 25 de abril e os problemas socioeconómicos que resultaram da mesma. Por outro lado, estes dois importantes acontecimentos a nível nacional originaram consequentemente um realojamento em massa de portugueses que continuavam a sua migração para a capital em busca de uma vida melhor, os retornados após o fim das colónias, ou a população dos sectores mais desfavorecidos da sociedade, que necessitavam de uma habitação e trabalho e que levou à mudança do público alvo da operação (Heitor, 2001). Enquanto que, previamente, a maior parte dos fogos seria destinada a privados e uma pequena parte a realojamentos, com o passar dos anos e com o agravamento do problema, a população realojada acabou por ser muito maior do que aquilo que se previa, quebrando assim a possibilidade de criar os laços de vizinhança por realojamentos de grupos organicamente relacionados, como previa o PUC. Esta política de realojamento sem ter atenção às relações sociais entre grupos levou ao isolamento de zonas em termos sociais que, aliado ao isolamento físico, levava à exclusão de populações de etnias diferentes, maioritariamente africanas, ou extratos sociais sem grandes rendimentos (CIUL, 2001).



Figura 25 - Evolução das expropriações

Como já foi referido, o PUC sofreu de um atraso considerável pela demora verificada nas operações de expropriações dos terrenos da área abrangida pelo Plano e que, conjuntamente com a falta de financiamento para realizar a operação de uma forma global, levou a uma construção faseada tanto das infraestruturas urbanas como do edificado. Foram dadas prioridades às construções das zonas mais próximas dos Olivais, as zonas N2, J e I, sendo que em 1967, dois anos após a elaboração do PUC, se iniciavam as terraplanagens gerais e, 5 anos depois, as primeiras empreitadas começavam a construir os primeiros 1055 fogos da zona I (Heitor, 2001). Dois anos mais tarde e com mais um atraso, desta vez na construção - dos 2594 fogos esperados, apenas 979 estavam concluídos-, arrancava a construção dos primeiros fogos na Zona J e, no espaço de dois anos, dava-se início aos trabalhos de infraestrutura nas zonas J e N2 e à construção dos primeiros edifícios na zona N2 e L. Passados dez anos da aprovação do plano, apenas quatro das sete zonas de Chelas estavam a ser construídas, com uma construção maioritariamente nas proximidades da zona ribeirinha e de Olivais Sul, deixando o restante território praticamente intocado.

Em 1990 começavam as ações de correção e ajustamento do PUC, a cargo do Departamento de Construção e Habitação - que substituiu o GTH - a cargo do arquiteto Silva Dias, sendo o Plano de Revisão entregue três anos mais tarde. Este plano atualizado pretendia inserir-se nos instrumentos de planeamento municipal da época, o Plano Estratégico (PE) e o Plano Diretor Municipal (PDM). O PUC foi assim adaptado às diretivas contidas no PE (alargamento da faixa de população a alojar, diversificação social da oferta habitacional através da incrementação do mercado livre e das modalidades de acesso, reabilitação socio urbanística dos bairros municipais e qualificação do tecido global com vista à sua integração no restante território da cidade) e às regras e condicionantes definidos pelo PDM. Sendo que alguns destes pontos do PE e do PDM correspondiam a alguns dos objetivos inicialmente estabelecidos pelo PUC, o Plano de Revisão focou-se sobretudo na correção dos desvios detetados e na reprogramação da ocupação das áreas expetantes (Heitor, 2001).

Esta construção gradual caracterizou todo o processo com, por exemplo, a Zona M a iniciar a construção dos primeiros edifícios somente em 1992, com as suas infraestruturas realizadas apenas dois anos antes. Outro dos problemas desta construção faseada surgiu das diferentes etapas que as Zonas sofriam durante a sua construção e que, devido às alterações no quadro político-institucional e à diferenciação entre ideais por parte desses mesmos quadros, originaram uma estrutura urbana não coesa, com planos parcelares com estratégias de conceção e modos de fazer a cidade diferentes, que também expuseram a importante necessidade de uma revisão ao plano original, mas que não foi realizado quando era essencial (Fig.26) (CIUL, 2001).

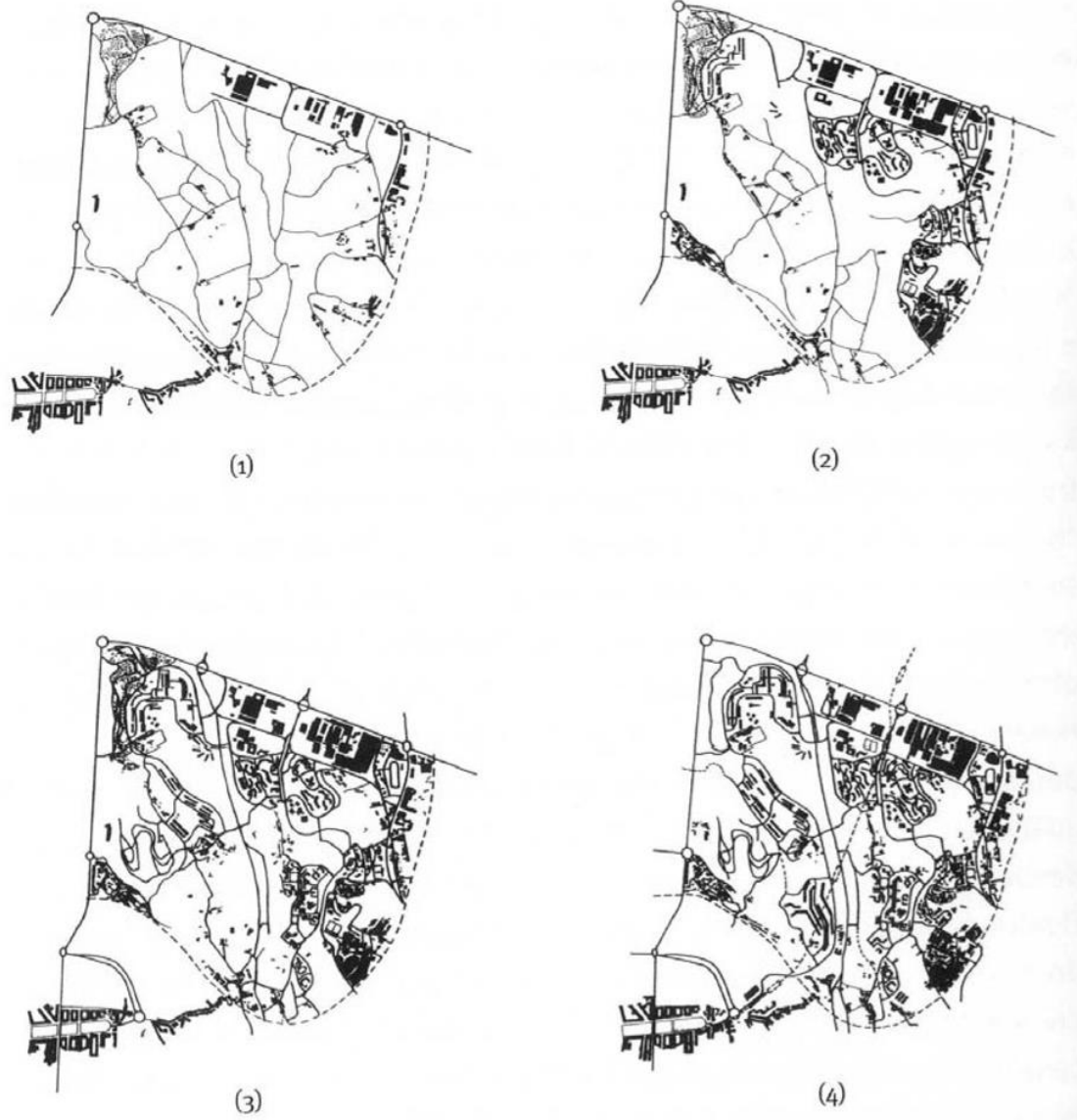


Figura 26 - Evolução da operação: (1) Década de '60; (2) Década de '70; (3) Década de '80; (4) Década de '90

A infraestruturação da malha e a execução do esquema viário proposto foi acompanhando o desenvolvimento das zonas habitacionais, dando prioridade à rede de distribuição local. Só em meados dos anos 90, com a proximidade da Expo '98 e depois de ser adiado constantemente, é que o viaduto do núcleo central - o prolongamento da Av. Estados Unidos da América - foi finalizado (Lourenço, 2003). Este era um dos elementos mais importantes da estruturação do Plano e do sistema viário não só de Chelas, mas também das periferias com a ligação entre Moscavide e o Areeiro, sendo também uma das vias principais de acesso ao Parque das Nações, e que permitiu, quarenta anos depois, a construção da Quadra Central de Chelas (CIUL, 2001).

A Expo '98 também forçou a realização da linha de metro de Lisboa que passava por Chelas e que já era prevista pelo PUC, pela necessidade de um eficiente transporte dos visitantes da exposição. Em maio de 1998, três dias antes da abertura do evento, a nova linha vermelha é inaugurada (Piteira; Sambado, 2014). O percurso, que conecta inicialmente a Alameda à Estação do Oriente, possui duas estações no território de Chelas, na Bela Vista, perto da Quadra Central de Chelas e na Zona I. Não deixa de ser sintomático que uma das duas estações em Chelas sirva um núcleo comercial/habitacional recém-construído para classes mais favorecidas e não para os seus moradores mais antigos (Ochoa, 2005). Por outro lado, o trajeto da própria linha revela que esta serve como forma de passagem por Chelas e não como um sistema de transporte pensado para a população residente no território, visto que apenas as Zonas N1, M e I é que são servidas eficientemente pelo novo sistema de transporte.

O atraso geral da operação levou ao surgimento de dois novos bairros operários, o Bairro Prodac e o núcleo habitacional da Azinhaga das Salgadas, com poucas condições de habitabilidade, próximos de algumas instalações fabris, ironicamente um dos problemas originais que levou à realização do PUC e que a falta de gestão nas políticas de realojamento provocou (CIUL, 2001). O Bairro Prodac surge na década de 70, por iniciativa de organizações como a Caritas ou a União de Católicos e Dirigentes do Trabalho, com o objetivo de construir habitações condignas por parte da comunidade em si, que se ajudava mutuamente na criação deste bairro de construções sociais (RTP1, 1990).

Essa falta de gestão, somada à nuclearização das diferentes zonas, originou a um dos maiores problemas sociais que ainda hoje tem repercussões, já que se foram criando guetos de habitantes de diferentes nacionalidades ao longo dos anos e que, dada a falta de qualidade dos seus espaços públicos e de oportunidades para esta população, a violência, a criminalidade e a toxicodependência foi aumentando ao longo dos anos. Ainda hoje algumas destas zonas, como por exemplo a Zona J, é vista como um local perigoso e sofre de um preconceito muito grande não só na cidade, como a nível nacional. Outro dos problemas que também aumentou o preconceito em relação à zona foi a falta de destaque que a estrutura urbana provocou, originando edifícios com uma imagem muito forte, como é o caso da “Pantera Cor de Rosa” ou os “Cinco Dedos”, que ganham autonomia e protagonismo e “assumem uma lógica urbana própria centrada em si própria e ditada pelos projetistas” (Oliveira, 2012:369).

Quando o PUC foi realizado e tendo em conta todos os estudos e inquéritos efetuados na época, a única parte do plano que seria mais facilmente previsível seria a parte construída: as infraestruturas, os edifícios que interligavam toda a malha urbana, o sistema viário e pedonal e as suas ligações com a periferia e com a restante cidade de uma forma global. No entanto, com todos os contratempos vistos anteriormente, desde cedo se percebeu que a execução do plano iria seguir caminho diferentes do esperado e que resultou num território fragmentado, com núcleos habitacionais sem ligações urbanas com os restantes. Com este desvio em relação ao PUC, nunca, na década de 60, seria possível prever as consequências do plano a nível social ou económico nas diferentes zonas de Chelas já que o resultado final está muito longe dos ideais iniciais, com uma população problemática e sem grandes margens de futuro até há relativamente pouco tempo (Anónimo, 2010a).

Mais recentemente, no âmbito do Plano de Revisão de 1990 as organizações autárquicas tomaram decisões na tentativa de reverter algumas das situações observadas, nomeadamente com uma questão simbólica, mas muito importante: a renomeação dos diferentes bairros de Chelas, ainda designados pelas letras nomeadas no PUC. A Zona I passou a ser o Bairro das Amendoeiras; a Zona J passou a ser o Bairro do Condado; a Zona L passou a ser o Bairro das Salgadas; a Zona M passou a ser o Bairro do Armador; a Zona N1 passou a ser o Bairro da Flamenga; a Zona N2 passou a ser o Bairro dos Loios (Heitor, 2001).

Também se verificou a demolição do chamado “Corredor da Morte” em 2009 que era formado por oito prédios devolutos conhecidos pelo seu traçado labiríntico que formavam becos (AR, 2009) e era foco de violência e de problemas sociais ao longo dos anos e que acabou por melhorar consideravelmente o espaço urbano e a segurança do bairro (Anónimo, 2010b).

## O território de Chelas na atualidade

Meio século depois da aprovação do PUC, a imagem de Chelas em termos urbanos está muito longe da esperada aquando da elaboração do Plano. Com a construção da Quadra Central de Chelas nos anos 90, o tecido urbano foi concluído em termos globais, finalizando assim a conexão formal não só entre os bairros da malha, mas conectando outras zonas da cidade, encurtando distâncias e facilitando a vida das populações servidas pelo sistema viário que atravessa o território de Chelas.

No dia 17 de março de 2019 foi realizada uma visita à área abrangida pelo PUC, com o intuito de analisar a arquitetura e o espaço urbano, o sistema viário e o pedonal e o seu estado de conservação, comparando-se com o previsto no Plano original. Foi realizado um registo fotográfico do percurso e, ainda, um relatório sobre a visita que como já se referiu constitui uma fonte primária para a presente análise, que segue em anexo. Foram visitados todos os bairros que constituem o território de Chelas, ainda que incidindo com mais detalhe em bairros específicos como o Bairro do Condado ou o Bairro das Amendoeiras.

Desde logo, a intenção ambiciosa de cidade quase “utópica” que se tentou criar é extremamente diferente da realidade atual visto que, ao longo dos anos, Chelas se encontrou mais perto de uma distopia do que de uma visão de perfeição. Dada a sua grande área de abrangência, considera-se que o plano poderia ter sido pensado mais em detalhe e menos a uma escala global, podendo prever execuções alternativas do plano, tais como a sua realização por fases segundo as condicionantes físicas, sociais ou financeiras. Com os seus graves problemas sociais à medida que a operação se foi concluindo, a arquitetura díspar com pouca conexão entre as diferentes zonas e sem uma lógica contínua entre blocos, Chelas acabou por se tornar um território extremamente fragmentado constituído por diferentes “aldeias” com edifícios massivos e sem uma ligação clara entre elas, que poderia eventualmente propiciar rivalidades e não união.

Seria talvez com esse pensamento global e pela pressão de elevar a densidade populacional até ao limite, que a escala tanto dos edifícios como das avenidas resultou numa grande desproporção, com pouco foco no indivíduo como peão e como apreciador do espaço. As avenidas do Bairro das Amendoeiras remetem para a escala exagerada das avenidas modernistas que Le Corbusier desenhava, particularmente para a sua Ville Radieuse (Fig.27), com foco excessivo nos elementos urbanos e ignorando a escala humana e a forma como a arquitetura reflete no bem-estar da população. Nas principais avenidas de Chelas, o caso é mais grave porque o espaço pedonal é quase nulo, com passeios inseguros, parte deles degradados e nos limites laterais das ditas avenidas (Fig.28).

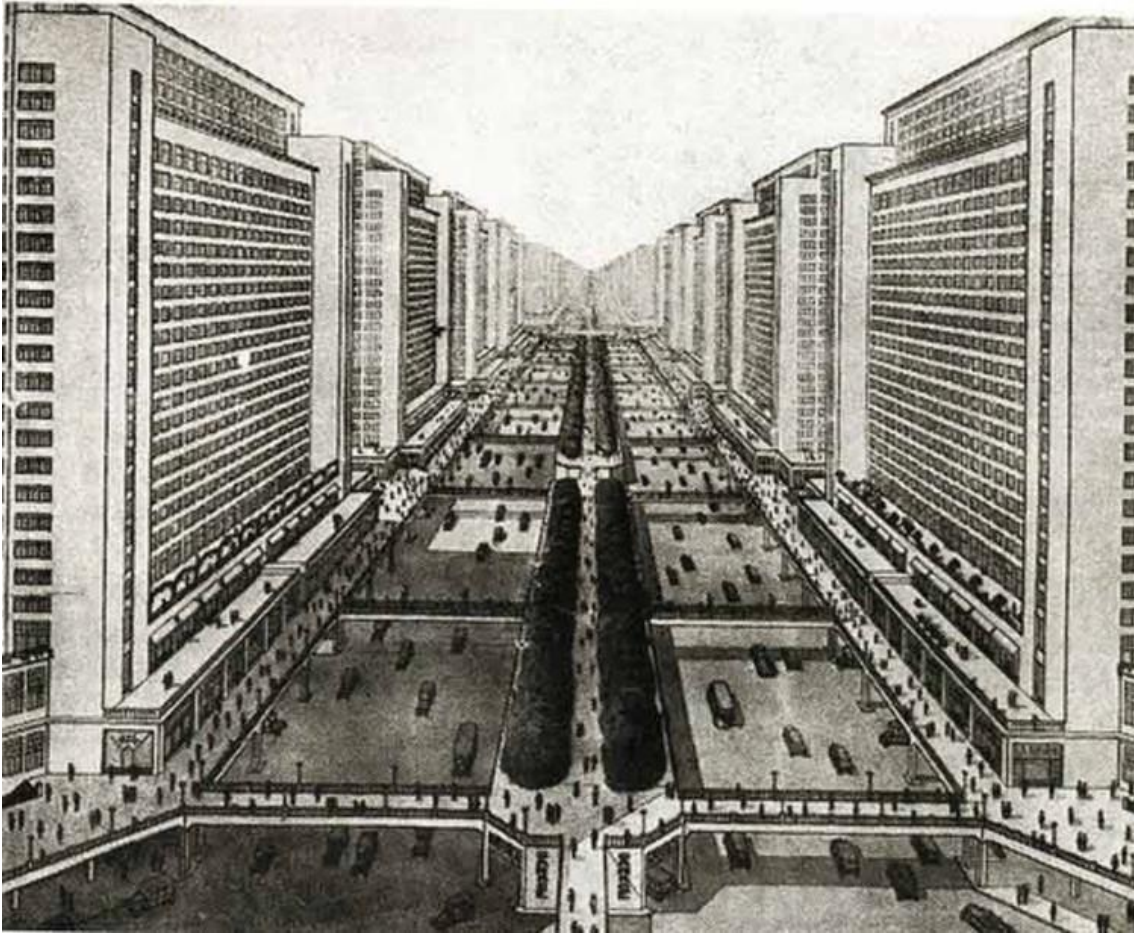


Figura 27 - Villa Radieuse - Le Corbusier



Figura 28 - Quadra Central de Chelas

Esta falta de escala humana pode resultar, como já foi referido, num protagonismo desnecessário a edifícios tais como os “Cinco Dedos”, de Vitor Figueiredo, ou a “Pantera Cor de Rosa”, de Gonaço Byrne e Reis Cabrita, não obstante o interesse da sua arquitetura concebida por arquitetos autores de obras relevantes no campo da habitação e em particular da habitação social.

A realidade é que, enquanto que o edifício “Pantera Cor de Rosa” (Fig.29) não se destaca demasiado fora dos limites do seu bairro porque outros edifícios o escondem, o oposto acontece com os cinco blocos de habitação dos “Cinco Dedos” (Fig. 30), já que é visível na maior parte dos bairros tanto pela sua dimensão e altura como pela sua localização isolada e num local mais elevado topograficamente. A razão para a implantação destes edifícios em pontos destacáveis remete à cidade pós-moderna que localizavam as megaestruturas como “ícones”, marcando o território em pontos de identificação chave na zona da malha (Heitor, 2001).

Apesar destes dois exemplos se destacarem, também se podem referir os edifícios do Bairro do Condado (Fig.31) graças às suas cores fortes, ou as quatro torres da Quadra Central que, apesar de possuírem uma arquitetura contemporânea esteticamente apelativa, funcionam como ilhas naquele território, sem qualquer conexão com a envolvente e sem vida de bairro, onde o único espaço de convívio é o seu centro comercial. A sua altura acaba por transmitir um certo sentimento de superioridade face à envolvente.

Um dos grandes problemas deste território é a fragmentação do espaço, com vazios urbanos e edifícios obsoletos e degradados em praticamente todos os bairros. Estes vazios surgem por inúmeras razões, tais como a falta de construção, a impossibilidade de construção por parte dos planos em vigor, a falta de uma função específica para o vazio, entre outros. Esta grave questão marca negativamente a imagem de Chelas, não só para quem visita o território, como para quem vive nos seus bairros, dando sempre a sensação que a malha se encontra inacabada, ou que é mais um caso da falta de financiamento para a construção de uma obra. Como exceção, alguns destes vazios que são bem aproveitados por hortas urbanas ou pelos parques. Estes espaços vazios prejudicam consideravelmente o aspeto da segurança, tal como se viu entre os Bairros das Amendoeiras e do Condado, onde uma fragmentação de 400 metros sem qualquer tipo de edifício suscita insegurança a quem atravessava o espaço. Outro aspeto negativo é a limitação dos bairros da malha, isto é, com a nuclearização dos bairros e a altura dos seus edifícios, estes encontram-se distanciados das periferias e criam “aldeias” sem ligações formais entre elas, apenas com o sistema viário ou pedonal, que já se viu não ser uma opção muito segura.

Segundo o PUC, estas ligações entre edifícios ou bairros seriam as chamadas “linhas de vida urbana intensa” que, com exceção de espaços entre blocos sem acesso automóvel, não existem. No entanto, os espaços mais próximo encontrado das prometidas “linhas de vida urbana intensa”, não se parecem com os planeados originalmente por duas razões: primeiro, porque

apesar de se encontrarem entre edifícios, não existem os equipamentos nem o comércio que era previsto; depois, porque raramente são utilizadas pela população como forma de ligação entre diferentes pontos, já que é praticamente impossível viver em Chelas sem utilizar frequentemente o automóvel. Como vimos, o uso de transportes públicos só está ao alcance de alguns bairros.



Figura 29 - Conjunto habitacional "Pantera Cor de Rosa", Bairro dos Loios



Figura 30 - Conjunto habitacional "Cinco Dedos", Bairro dos Loios



Figura 31 - Edifícios da Rua Botelho de Vasconcelos, Bairro do Condado

O sistema viário de Chelas, que tanta importância tem atualmente na ligação entre zonas de Lisboa - e futuramente da prevista Terceira Travessia sobre o Tejo-, é um dos aspetos que mais prejudicam a vivência entre a população, já que distancia os bairros e, ao mesmo tempo, é imprescindível para quem vive naquele território. A rede de transportes públicos apresenta problemas, nomeadamente o metro, que apenas tem duas estações, uma das quais na mais recente Quadra Central de Chelas. O traçado da linha pode ser explicado pelas lógicas de promoção imobiliária (Ochoa, 2005), visto que a grande parte da população de Chelas se encontra a pelo menos 500 metros das estações. Coincidentemente os bairros que parecem apresentar mais problemas, como o Bairro do Condado, são os que se encontram mais afastados destas estações, o que potencia os desequilíbrios e que faz aumentar a insatisfação das populações.

No entanto, há vários casos positivos que, ao longo dos anos, foram trabalhados por parte dos habitantes dos bairros e de diversas organizações, na tentativa de melhorar a qualidade de vida das populações, do seu espaço de habitabilidade e diminuir o preconceito que muitas vezes é associado a Chelas. Um dos casos mais importantes trata-se da colaboração dos arquitetos do coletivo Ateliermob com as populações do bairro Prodac. Numa parceria multidisciplinar, os arquitetos projetaram um espaço público para todas as faixas etárias, enquanto que os habitantes do bairro, muitos deles desempregados, ajudaram na construção do projeto (Fig.32). Desta forma, conseguiram melhorar o espaço urbano de um dos bairros mais degradados de Chelas e também de algumas habitações, melhorando as condições de vida dos seus habitantes (Fig.33).



Figura 32 - Construção do anfiteatro no Bairro Prodac - registo fotográfico durante a construção



Figura 33 - Anfiteatro no Bairro Prodac

Com a já referida demolição do “Corredor da Morte”, a tentativa de diminuir os problemas sociais associados principalmente à Zona J - o atual Bairro do Condado - a médio prazo parece ter resultado, visto que nos últimos anos a importância que a comunicação social tem dado a problemas a nível de violência ou toxicodependência em Chelas diminuiu, o que pode sugerir esse decréscimo. Apesar do preconceito que ainda paira sobre este bairro, a verdade é que a visita realizada funcionou como confirmação da melhora de imagem associada ao mesmo, já que em nenhum momento se sentiu qualquer tipo de insegurança. É necessário esclarecer, no entanto, que este relatório não serve como prova da inexistência de problemas sociais da antiga Zona J, visto que a visita foi realizada num dia de semana particularmente calmo. Apenas aqui se sugere que a segurança poderá estar a melhor, neste aspeto específico.

É também nesta parte de Chelas que se observou a recente construção de edifícios multifamiliares que podem provar que não se “virou costas” à população e que, apesar do abandono sentido ao longo dos anos, há uma tentativa de apaziguar a situação e continuar a melhorar o espaço urbano. Os recentes edifícios da Junta de Freguesia de Marvila e da Biblioteca de Marvila são também indicadores de que a autarquia está a tentar melhorar o espaço com essas localizações chave de forma a apoiar esta população que durante muito tempo foi menosprezada.

O Bairro do Armador poderá ser o exemplo de conservação de edifícios mais marcante que se reportou, com uma manutenção impecável que, possivelmente, se tenha realizado recentemente, mas que melhorou significativamente a imagem do bairro (Fig.34). No percurso pelas ruas deste bairro, a primeira impressão foi a de uma zona que, apesar de não ter uma



Figura 34 - Edifícios do Bairro do Armador

arquitetura que se destacasse, se encontrava cuidada e não prejudicaria a qualidade de vida da sua população.

Outro dos aspetos mais importantes que está a melhorar os vários vazios de Chelas é a criação de hortas comunitárias, nomeadamente no Parque do Vale de Chelas que não só ocupa a população como também produz alimentos e, sobretudo, aproveita um vazio urbano, melhorando o espaço (Fig.35). Esta pode ser uma solução viável para grande parte do espaço verde não utilizado que se observou ao longo da visita e que ocupa uma área muito extensa no território.



Figura 35 - Hortas urbanas no Parque Urbano do Vale de Chelas, Bairro dos Loios

## Síntese

Mais de meio século depois da aprovação do Plano de Urbanização de Chelas, em 1964, e de todas as expectativas criadas durante a sua elaboração, a realidade está muito longe da esperada. Com o agravamento do problema populacional de Lisboa durante a segunda metade do séc. XX, a maior parte da população remetida para a área abrangida, pela sua política de renda controlada, tinha rendimentos pouco elevados. Este acumular de residentes de baixos rendimentos aumentou um sentimento de abandono e falta de oportunidades que se refletia na população mais jovem e originou problemas sociais graves que arruinaram a imagem urbana de Chelas.

Como se explanou anteriormente, foram inúmeras as razões para o fracasso desta operação urbanística, mas, como foi possível verificar no próprio território, a fragmentação do espaço, os erros no planeamento e a própria arquitetura parecem ser os principais problemas de Chelas. Esta fragmentação do edificado limita os residentes, isolando cada bairro, podendo criar rivalidades entre zonas, criando “aldeias” que, apesar de se encontrarem relativamente próximas umas das outras, acabam por estar muito afastadas já que nem a arquitetura nem a continuidade do edificado as articula. Por sua vez, a própria arquitetura com edifícios de cariz social construindo espaços comuns em banda, prejudicaram as populações pois, como no caso da “Pantera Cor de Rosa” ou de muitos edifícios da antiga Zona J, foram uma das causas que originaram os guetos inseguros e o aumento da criminalidade em Chelas.

O PUC, de certa forma, conseguiu contornar a questão da topografia, uma das razões para o “atraso” da expansão da cidade para o território, através do aproveitamento das encostas favoráveis para a construção de habitação e dos vales para o sistema viário, remetendo os espaços de difícil acesso ou não favoráveis para a construção para zonas verdes, como parques urbanos ou hortas comunitárias.

Concluindo, apenas o sistema viário e o número de habitações se aproximaram do previsto inicialmente pelo PUC, já que a maior parte dos objetivos e ideais do plano sofreram um desvio considerável ou não foram cumpridos.

Sem o poder para alterar a arquitetura ou o desenho urbano atual, a população necessita de ações que possam dinamizar o território e alterar o preconceito que se foi gerando ao longo deste meio século. O território precisa de ser dinamizado e articulado com o exterior, mas fundamentalmente com os seus diferentes bairros.



## **Ações recentes e futuras sobre o território**

### **Introdução**

Depois do estudo nos dois últimos capítulos ter sido focado em Chelas, o capítulo seguinte irá afastar-se deste território e observar a freguesia de Marvila na sua totalidade, isto é, o território de Chelas conjuntamente com a frente ribeirinha a Este da Linha de Cintura de Lisboa. O objetivo dessa visão mais geral é estudar a freguesia como um todo para poder comparar as duas realidades de Marvila. Esta análise foi inicialmente despoletada por uma certa insistência recente, por parte da comunicação social, em apelidar Marvila como o “bairro da moda” pelas suas galerias de arte ou restaurantes. Tentou-se dissecar esta ideia que, após a visita ao território de Chelas, se percebeu claramente que Marvila não é referida como freguesia na sua totalidade, mas sim como a sua zona ribeirinha de Marvila, ignorando toda a restante área.

De forma a compreender de que forma a freguesia de Marvila se encontra equipada, serão identificados os equipamentos e serviços presentes no território, tanto públicos como privados. Pretende-se compreender se a população de Marvila está, de facto, corretamente servida, ou se o foco destes equipamentos/serviços é apenas a população que visita periodicamente a freguesia em busca de espaços de lazer.

De seguida, será realizado o mesmo estudo em relação às ações ou eventos ocorridos na freguesia nos últimos dois anos, desta vez avaliando também quem organiza ou é responsável pelos mesmos. Tal como no estudo anterior, a localização destas ações e eventos será um elemento chave, podendo-se daí concluir se o público alvo destas ações ou eventos é na realidade os residentes de Marvila, ou se o foco está nos visitantes do “bairro da moda”.

Por fim, será necessário refletir sobre estes dois estudos e concluir se de facto estas entidades estão preocupadas com a melhoria do território de Chelas, ou apenas da zona ribeirinha da freguesia, e se a freguesia tem algumas falhas em termos de localização dos seus equipamentos/serviços e ações/eventos por se ter focado demasiado nesta “nova” zona de Lisboa.



## Equipamentos/serviços e ações/eventos e a sua localização na freguesia

Este capítulo surge na necessidade de se compreender de que forma a população de toda a freguesia de Marvila está a ser apoiada e se o “bairro da moda” corresponde a toda a freguesia de Marvila ou apenas à população da frente ribeirinha com base nos equipamentos/serviços e ações/eventos e da sua localização na freguesia.

Em termos metodológicos, para a análise dos equipamentos ou serviços que se encontram atualmente ao serviço da população da freguesia de Marvila (Tabela 1), recorreu-se à lista de equipamentos indicados no sítio online da Junta de Freguesia de Marvila e também aos mapas fornecidos pelo *Google Maps*, para a localização exata destes equipamentos ou serviços com o intuito de, no capítulo seguinte, analisar a localização dos mesmos face ao território em estudo. Os critérios de escolha basearam-se na diversidade e importância dos equipamentos no dia a dia da população - equipamentos de carácter religioso e polidesportivos foram deixados de parte já que, com a diversidade cultural presente na cidade contemporânea, não se achou pertinente destacar qualquer tipo de religião.

De seguida, será realizado o mesmo estudo em relação às ações ou eventos ocorridos na freguesia nos últimos dois anos, desta vez avaliando também quem organiza ou é responsável pelos mesmos. Para a análise das ações ou eventos realizados na freguesia de Marvila desde 2017, recorreu-se a notícias relativas a Marvila, tomou-se como critério registar as ações/equipamentos ocorridos desde 2017. Em termos metodológicos, recorreu-se a notícias relativas a Marvila dos últimos dois anos, tendo sido consultados os jornais *Público* e *Jornal de Notícias*. Foram ainda consultadas algumas revistas digitais, a *newsletter* da Biblioteca de Marvila e a agenda cultural realizada pela própria Junta de Freguesia de Marvila. Depois de serem encontradas 26 ações e eventos, a sua localização na planta da freguesia de Marvila foi marcada também através do *Google Maps*, para também analisar a localização dos mesmos face ao território em estudo.

Tabela 1 - Tabela relativa aos equipamentos/serviços presentes na freguesia de Marvila

	EQUIPAMENTO/SERVIÇO	DESCRIÇÃO			ZONA	
			PÚBLICO	PRIVADO	CHELAS	RIBEIRINHA
1	Armazém 16	Espaço cultural		●		●
2	Auditório Fernando Pessa	Espaço cultural	●		●	
3	Biblioteca de Marvila	Espaço cultural	●		●	
4	Colégio Valsassina	Educação		●	●	
5	EB/JI João dos Santos	Educação	●		●	
6	Escola Básica Aquilino Ribeiro	Educação	●		●	
7	Escola Básica dos Loios	Educação	●		●	
8	Escola Básica de Marvila	Educação	●		●	
9	Escola Básica do Armador	Educação	●		●	
10	Escola Básica do Condado	Educação	●		●	
11	Escola Básica Manuel Teixeira Gomes	Educação	●		●	
12	Escola Secundária D. Dinis	Educação	●		●	
13	Escola Superior de Atividades Imobiliárias	Educação		●	●	
14	Espaço “Todos”	Espaço cowork		●		●
15	Externato Cesário Verde	Educação		●	●	
16	Fábrica do Braço de Prata	Espaço cultural		●		●
17	Galeria “Underdogs”	Espaço cultural		●		●
18	Hub Criativo do Beato	Espaço cowork		●		●
19	Instituto Superior de Engenharia de Lisboa	Educação	●		●	
20	Junta de Freguesia de Marvila	Espaço autárquico	●		●	
21	Espaço “Lisboa ao Vivo”	Espaço cultural		●		●
22	“Lisbon Work Hub”	Espaço cowork		●		●
23	Parque da Bela Vista	Parque Urbano	●		●	
24	Parque do Vale Fundão	Parque Urbano	●		●	
25	Parque Urbano do Vale de Chelas	Parque Urbano	●		●	
26	Piscina Municipal do Vale Fundão	Espaço desportivo	●		●	
27	Edifício da RTP	Estação de televisão		●	●	
28	Skatepark do Vale de Chelas	Espaço desportivo	●		●	
29	Teatro Meridional	Espaço cultural		●		●

Tabela 2 - Tabela relativa às ações/eventos presentes na freguesia de Marvila entre 2017 e junho de 2019

#	NOME	DESCRIÇÃO	ZONA RIBEIRINHA	CHELAS	ORGANIZAÇÃO
30	“Adegga Wine Party”	Festival de vinhos	●		Adegga
31	“Brunch Villa”	Festival do brunch	●		Casal Mistério
32	Campeonato Nacional de Parkour	Competição desportiva	●		Associação Portuguesa de Street Workout e Parkour
33	“Castro Daire abraça Lisboa”	Festival de folclore		●	Casa do Concelho de Castro Daire
34	“Contacto”	Festival literário de ficção científica e fantasia		●	Biblioteca de Marvila
35	“Dias de Marvila”	Festival de artes performativas		●	Teatro Maria Matos e Biblioteca de Marvila
36	“Fado sai à rua”	Festival de música	●	●	Junta de Freguesia de Marvila
37	Feira Medieval de Marvila	Feira medieval		●	Junta de Freguesia de Marvila
38	“Festival de Lisboa Oriental”	Festival com várias vertentes	●		“Festival de Lisboa Oriental”
39	“Festival Emergente”	Festival de música	●		“Lisboa ao vivo”
40	“Festival Muro”	Festival de arte urbana		●	Galeria de Arte Urbana da CML
41	“Festival Rock in Rio”	Festival de música		●	“Rock in Rio”
42	“Festival Zona Não Viglada”	Festival de música		●	“Casa Conveniente” e “Filho Único”
43	“Lisboa Beer District”	“Bairro” dedicado à produção de cerveja artesanal	●		Cervejeiras Dois Corvos, Lince e Musa
44	“Marvila aos molhos”	Festival popular	●		JFM, CML e EGEAC
45	“Marvila Bibliogamers”	Festival de videojogos		●	Biblioteca de Marvila
46	“Marvila dos Sabores”	Feira de produtos e artesanato regionais		●	Junta de Freguesia de Marvila
47	“Organni Ecomarket”	Mercado ecológico e orgânico	●		Organii
48	“Oriente-se”	Festival de teatro amador		●	Grupo de teatro “Contra-Senso”
49	“Paixão pelo vinho Awards Wine Party”	Festival de vinhos	●		“Paixão pelo vinho”
50	“POSTER”	Festival de arte pública	●		“POSTER”
51	Reabilitação dos bairros Prodac	Reabilitação do bairro degradado		●	Ateliernob e CML
52	“The Food Villa”	Festival gastronómico	●		“The Food Villa”
53	“Topias Urbanas”	Projeto de investigação artística		●	Teatro Maria Matos e Biblioteca de Marvila
54	“Concurso Universidades Trienal de Arquitetura Millenium bcp”	Concurso universitário		●	Trienal de Arquitetura
55	“Urban Audiovisual Festival”	Festival audiovisual		●	Biblioteca de Marvila



## Análise dos resultados

O estudo dos principais equipamentos e serviços presentes na freguesia revela algumas pistas sobre o grau de apoio que a população de Marvila recebe por parte das organizações públicas. A aposta dos privados é também importante para perceber se serão estes contribuíram para dinamizar a freguesia nos últimos anos, já que de todos os equipamentos analisados, apenas a Biblioteca de Marvila foi construída recentemente.

Na análise da Tabela 1, desde logo se destaca a localização de grande parte dos equipamentos/serviços em Chelas - 21 em 29 totais-, sendo que destes 21 apenas 4 não são públicos. Apesar do tipo de uso dos equipamentos estar dividido equitativamente, é de destacar que dos 8 elementos situados na zona ribeirinha de Marvila, nenhum é, de facto, público.

A educação é o tipo de espaço que encontramos em maior número na freguesia de Marvila, correspondendo a quase metade da totalidade dos elementos da Tabela, com 12 dos 30 elementos, muito graças às escolas que se encontram dispersadas em quase todo o território de Chelas, sendo na sua maioria públicas e previstas no PUC anos antes. Dada a elevada densidade populacional do território de Chelas e pela falada previsão no PUC, o facto destes equipamentos escolares se encontrarem afastadas da frente ribeirinha, zona com um passado fabril e sem capacidade de construções de edifícios públicos de grandes dimensões, não surpreende.

Também os espaços culturais estão representados em maior número, surgindo apenas atrás da educação, como já foi visto. A maior parte destes espaços culturais fez ressurgir Marvila como “bairro da moda”, com a reutilização de edifícios fabris, atraindo cada vez mais espaços do género. No total, representam 7 dos 29 equipamentos e serviços, sendo distribuídos inequitativamente pela freguesia com apenas 2 espaços públicos e 5 privados na zona ribeirinha.

Tal como estes espaços culturais, maioritariamente sediados na zona ribeirinha, os espaços cowork também se localizam nesta frente e, tal como os espaços culturais, sustentada pela proliferação do “bairro da moda” e a atração de população jovem.

Os parques urbanos estão, por sua vez, mais presentes em Chelas, onde também se encontra o skatepark. Tanto os equipamentos desportivos como os equipamentos escolares, estão distribuídos pela maior parte dos bairros de Chelas, como definido pelo PUC, mas dada a falta de informação encontrada sobre estes equipamentos desportivos na pesquisa realizada para elaborar esta Tabela, não foram considerados para o presente estudo.

De uma forma imediata e a partir da Tabela 1 e respetivas plantas de localização, é possível verificar que a maior parte destes elementos como as escolas básicas, a sede da JFM, a

Biblioteca de Marvila ou os parques urbanos se encontram em Chelas, a Oeste da Linha de Cintura, apoiados pelo grande número de espaços educativos já referidos. Este número acaba por não ser tão relevante como se poderia esperar pois a área referente a Chelas é bastante superior à área da zona ribeirinha de Marvila e possui uma maior ocupação habitacional.

O estudo das ações e eventos realizados nos últimos anos na freguesia é essencial para se perceber como é que o designado “bairro da moda” de Lisboa se tem vindo a difundir, tendo em conta os tipos de eventos realizados e as entidades responsáveis pelos mesmos.

Será importante perceber se o público alvo da maioria das ações e eventos são os habitantes da própria freguesia ou se são de fora, de acordo com o tipo de eventos realizados, isto é, se o objetivo destes eventos é atrair pessoas de outros pontos da cidade para esta, ou se é uma forma de fixar os seus residentes através da dinamização de Marvila.

Da análise da Tabela 2, percebe-se que a maior parte dos eventos e ações se realizam em Chelas, com 15 num total de 26. Como exceção, o evento “Fado sai à rua” é realizado em quatro locais diferentes, variando nas duas zonas-. Estes dados são, de facto, surpreendentes, já que era esperado que a zona ribeirinha, apelidada de “bairro da moda”, fosse palco de mais eventos do que Chelas. Isto poderá significar que os eventos realizados em Chelas recebem uma cobertura mediática muito menor ou são menos atraentes para a população do que os realizados na zona ribeirinha.

Por norma, a população é atraída por festivais que envolvam gastronomia, como o “Lisboa Beer District” ou o “Brunch Villa” e foram principalmente estes eventos, aliados a eventos artísticos nas antigas instalações fabris, que ajudaram na proliferação desta zona ribeirinha.

Estes factos não retiram importância aos eventos realizados em Chelas que, pelo contrário, adquirem uma maior importância na dinamização do território. Eventos como as “Topias Urbanas”, “Dias de Marvila” ou o “Concurso Trienal de Arquitetura Millenium bcp” situam o seu foco na população e no espaço urbano, procurando melhorar um território fragmentado e abandonado.

Em relação às organizações dos eventos/ações por parte de entidades públicas ou privadas, note-se que a CML, a JFM, a Biblioteca de Marvila, o Teatro Maria Matos, a Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) e a Associação Portuguesa de Street Workout e Parkour foram consideradas organizações públicas, sendo responsáveis por 12 de um total de 26. Não será por acaso que Chelas é a localização preferencial destas organizações públicas, visto que apenas dois eventos foram realizados a Este da Linha de Cintura de Lisboa, o evento “Marvila aos molhos” e “O Fado sai à rua” que, como já foi mencionado, é realizado em diferentes locais da freguesia. Por sua vez, 14 eventos/ações, a maior parte dos elementos da Tabela, são planificados por entidades privadas, sendo que 9 dos mesmos são realizados na zona ribeirinha.

Analisando os tipos de evento, e agrupando por categorias mais globais, a maioria dos elementos da Tabela 2 surgem como eventos ligados à cultura, com 12 eventos semelhantes, sendo 10 realizados em Chelas, divididos entre iniciativas públicas e privadas. Os eventos gastronómicos surgem depois dos culturais, como festivais de vinhos ou de comida orgânica, entre outros, estando a sua maioria localizados na zona ribeirinha, isto é, 8 num total de 9, com apenas 2 destes eventos realizados por organizações e empresas públicas, neste caso a JFM - em ambos -, a CML e a EGEAC.

No entanto, é a Biblioteca de Marvila a maior organizadora de eventos e ações a nível global, sendo responsável por 5 eventos/ações da Tabela, todos ligados à cultura. Com 4 eventos/ações, a JFM é a segunda maior organizadora, variando entre eventos/ações ligados à cultura e à gastronomia.

Tal como se verificou com os equipamentos/serviços (Tabela 1), a maior parte localiza-se em Chelas, mas é necessário ressaltar que espaços como o Armazém 16 ou a Galeria “Underdogs”, na zona ribeirinha, são palco de mais do que um evento. Mais uma vez, se forem comparadas as dimensões das duas zonas, Chelas recebe menor número de eventos/ações do que aquelas que deveria comparativamente com a percentagem da área da zona ribeirinha. No entanto este facto deve-se às várias iniciativas privadas, no total 14, para a organização dos mesmos e que aumenta a quantidade dos eventos realizados em relação às iniciativas públicas, que são apenas 6, como já foi mencionado.

De destacar ainda, como se pode ver na planta de localização, que apesar haver muitas ações/eventos na zona ribeirinha, estes são quase sempre em armazéns privados de antigas fábricas. No entanto, grande parte das ações/eventos realizado em Chelas estão localizados, por sua vez, em espaços públicos, como escolas ou a Biblioteca de Marvila.



## Síntese. Reflexão crítica sobre os dados analisados

Através da análise anterior, foi possível perceber que a frente ribeirinha da freguesia de Marvila tem vindo a ser dinamizada como bairro artístico (Fernández; Lorente, 2009) por entidades e empreendedores que utilizam os espaços das antigas fábricas para criar novas oportunidades de negócios, desde galerias de arte a restaurantes, entre outros. É desta forma que Marvila tem vindo a ser reconhecida como o “bairro da moda”, que fez aumentar os seus novos inquilinos, na sua maioria jovens empreendedores ou jovens empresas que se sediaram nesta parte da freguesia (Lourenço, 2019). Recentemente, estas organizações maioritariamente privadas juntaram-se para criar eventos que atraem pessoas para Marvila e dinamizaram todo este “novo” espaço. É importante referir que, tal como estes jovens se sediaram em Marvila pelos seus espaços e rendas baratas em relação a outros pontos de Lisboa, eventualmente a situação irá piorar, com a maior parte dos espaços ocupados e as rendas a subir consideravelmente - como se tem notado em grande parte na cidade de Lisboa e também do país. Estes fatores poderão forçar a procura de outro “bairro da moda” que emergirá com a mesma rapidez com que a zona ribeirinha de Marvila, se não se melhorar a qualidade de vida dos novos moradores nem forem criadas políticas de fixação na zona, estes irão abandonar Marvila, tal como no fim das industrialização no século passado.

No território de Chelas, ao contrário do anterior, a população residente beneficia de inúmeros equipamentos que foram previstos pelo PUC e que seguiram o plano. Estes equipamentos, na sua grande maioria públicos, oferecem à população um acesso a equipamentos escolares, desportivos ou de lazer e, ainda, a alguns parques urbanos. Por outro lado, o território de Chelas tem sido escolhido com alguma frequência para a organização de eventos e ações, na sua maioria promovidos pelos órgãos públicos e com uma distribuição equilibrada pelo seu território e onde têm sido trabalhadas questões como a desigualdade social, ou a exclusão territorial. Desta forma, este contexto urbano possui, à partida, boas condições de residência para todas as faixas etárias, com oportunidades desde os jovens aos idosos, e com facilidades em termos habitacionais e de criação de uma família. No entanto, apesar de todo este apoio a nível físico que a população de Chelas beneficia, com a exceção da Biblioteca e do edifício da JFM, nenhum destes é recente. Ou seja, não é por existir este tipo de apoio que os problemas sociais não apareceram. O mesmo acontece com as ações/eventos, pois são acontecimentos temporários que na realidade não mudam drasticamente o dia a dia da população e, por isso, não resolvem estes problemas - exceção feita à reabilitação do Bairro Prodac -, apenas dinamizam a zona e trabalham para melhorar a imagem urbana de Chelas - o que apesar de tudo não é um pormenor.

A análise antes realizada vem sustentar a realidade da fragmentação da freguesia, tendo como linha de separação a Linha de Cintura que espera a frente ribeirinha de Marvila como “bairro da moda” da realidade de Chelas. Apesar do seu aparente sucesso, nesta parte ribeirinha as

faltas de habitação para classe média e conseqüentemente de perspectivas pessoais para o futuro prejudicam o seu desenvolvimento. No extremo oposto, encontra-se o território de Chelas que, apesar de ter sido alvo de um certo preconceito ao longo dos anos e da falta de perspectivas profissionais para os seus moradores, possui diversos equipamentos e tem vindo a sofrer alguma dinamização.

Mas há ainda muito trabalho a ser feito porque, como já foi referido, um território bem equipado e com eventos pontuais não resolve nenhum problema em concreto. Estes apenas podem ajudar no reavivar da zona e na mudança de preconceitos sobre Chelas, sendo que as soluções passam por criar mais oportunidades para os seus residentes. Desta forma, seria importante contrariar a ideia de Chelas como subúrbio de Lisboa e trabalhar a ideia de Chelas como parte integrante da cidade, dinamizando a zona como um todo e em todos os sentidos, afastando-se da fragmentação a todos os níveis.

## Síntese

Tal como sucedeu com a maioria das capitais europeias, Lisboa verificou no último século uma expansão exponencial, aliado à crescente população e à necessidade de habitação para estes novos residentes.

O território de Chelas, uma área essencialmente rural, foi “engolida” pela cidade nesta expansão recente, com uma série de planos, de meados do século passado, que previam o crescimento da cidade para aqui, décadas antes. É com o Plano de Urbanização de Chelas que esta expansão se torna oficial, um plano ambicioso que procurava urbanizar o território, oferecendo aos novos habitantes de Lisboa mais oportunidade de habitação digna.

Afastando-se dos ideais de células experimentados dos planos vizinhos (Olivais Norte e Olivais Sul), o PUC procurava uma estrutura linear que se alongasse por todo o território, adaptando-se à difícil topografia de Chelas. Com um sistema viário que conectava pontos chave da cidade, o território de Chelas integrar-se-ia assim na cidade de Lisboa.

Como se viu, inúmeros percalços atrasaram e desviaram a operação das suas origens, sendo que uma revisão oficial do Plano teria sido necessária anos antes do que quando foi realizada, podendo resolver problemas e evitar muitas falhas que surgiram ao longo desta demorada operação.

Evoluindo para um gigante bairro social que foi por muito tempo uma zona problemática, a verdade é que, de uma forma geral, os bairros de Chelas se encontram melhor equipados e melhor servidos que a restante freguesia. Apesar disto, é na frente ribeirinha de Marvila que a maior parte das ações/eventos que atraem visitantes têm vindo a ocorrer, ignorando o extenso território de Chelas e impedindo uma maior dinamização.

O território de Chelas encontra-se assim muito longe de ser uma zona qualificada. Apesar de alguns esforços residuais, a realidade é ainda a de um bairro social e são maioritariamente as organizações públicas, como a Junta de Freguesia de Marvila ou a Biblioteca de Marvila, que têm vindo a olhar para estes espaços, tentando melhorá-los e dinamizá-los e tentando alterar o preconceito que, apesar de tudo, ainda existe sobre Chelas.



## 4. Pós-projeto

### Reflexão crítica sobre o projeto realizado

Depois da análise realizada e tendo em consideração todos os pressupostos decorrentes das reflexões sobre o território de Marvila e em particular sobre Chelas, pretende-se agora voltar ao projeto do Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila. Pretende-se rever, mediante uma perspetiva crítica, não apenas a proposta trabalhada na Unidade Curricular de Projeto V.1 conjuntamente com o aluno Mário Manso, como também as próprias bases do Concurso realizado pela Trienal de Arquitetura de Lisboa. Assim, o capítulo seguinte será desenvolvido segundo a pesquisa desenvolvida ao longo da presente dissertação e será apoiado por dados e sínteses de todos os capítulos anteriores. A questão da representação, no entanto, não será abordada porque, apesar de se considerar que foi uma limitação à comunicação da proposta, consideramos também que essas restrições acabaram por funcionar como um desafio.

Começando com a proposta do Centro Comunitário e Interpretativo em Marvila, o próprio programa desenvolvido tinha como base a melhoria da qualidade de vida da comunidade que, como vimos, continua minorizada em relação à zona ribeirinha da freguesia. O edifício foi pensado como um espaço multifuncional, que poderia ser utilizado pela população em campos diferentes como educativos, culturais, restauração, lazer ou como ponto de encontro. Apesar de ser do nosso conhecimento a construção da recente Biblioteca de Marvila, na altura não se sabia a sua localização exata, pela falta de pesquisa sobre os equipamentos mais próximos da proposta, fazendo com que o espaço de biblioteca se revelasse desnecessário, em termos de programa, o que se constatou agora, após o desenvolvimento desta dissertação. Este erro, apesar de não colocar em causa a proposta, torna-se revelante, com a localização exata da Biblioteca de Marvila, a apenas 200 metros da proposta, com apenas a Escola Básica de Marvila a separar os dois locais. Uma das soluções para este espaço será então a substituição da biblioteca por uma sala de exposições, um espaço em falta no território de Chelas e na própria freguesia, já que todos os espaços semelhantes se encontram na zona ribeirinha, como vimos, mas pertencem a associações ou proprietários privados. Esta nova sala de exposições poderia promover tanto artistas locais como dar à população a oportunidade de usufruir de exposições próximas das suas residências.

Torna-se também interessante constatar que o desenvolvimento da pesquisa ao longo desta dissertação demonstrou que, curiosamente, um dos aspetos com mais foco na proposta, os percursos e a criação das duas novas praças, se liguem aos conceitos utilizados pelo PUC durante a sua elaboração. Na nossa perspetiva, o espaço público do Centro Comunitário e Interpretativo tem objetivos muito parecidos com as importantes “linhas de vida urbana intensa” que fariam

parte do projeto, isto é, espaços públicos rodeados por edificado - serviços, restauração, etc. - que privilegiam o contato pessoal entre a população através destes novos espaços pedonais. Assim, apesar do lapso relativo ao espaço da biblioteca, a proposta apresentada a concurso parece-nos bastante conseguida, não apenas pela forma como privilegia o espaço da cobertura dos espaços, mas também porque oferece à população um espaço muito dinâmico, resultando num edifício multifuncional, de que a comunidade tanto necessita na zona.

Um dos aspetos mais importantes num projeto de arquitetura é a sua localização, sendo que, quando estamos perante edifícios públicos como um Centro Comunitário e Interpretativo, esta poderá ser uma peça chave no seu sucesso ou total fracasso. Se este concurso se realizasse na frente ribeirinha de Lisboa, como os casos do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT) ou o Terminal de Cruzeiros, ambos à beira-Tejo, o local poderia sempre contribuir para um projeto arquitetónico melhor pelas suas qualidades únicas, de relação com a água.

A ideia que a Trienal de Arquitetura deixa com a localização deste concurso é a tentativa de “reciclar” o terreno, depois do fracasso da construção da Sede da Fundação Luso-Brasileira, um projeto de Oscar Niemeyer. Esta tentativa é de louvar, visto que se procura resolver um espaço complexo, o qual, se nada for feito, continuará como se encontra atualmente: com uma laje de betão, uma série de pilares e paredes. No fundo, um enorme vazio urbano que agrava a fragmentação daquele território e da própria cidade.



Figura 37 - Proximidade dos bairros à localização do Concurso Movimento populacional previsto a partir da zona ribeirinha de Marvila

Apesar desta tentativa de reavivar o terreno, a verdade é que o local em si é falacioso, pois apesar de se encontrar inserido na malha de Chelas, encontra-se relativamente perto da zona ribeirinha, um local que como vimos por si só, se tem vindo a desenvolver.

Pela sua localização central, podemos intuir que esta se trata de uma tentativa de servir a comunidade da freguesia como um todo apesar de ignorar os transportes necessários pela população dependendo da zona? Ou que, apesar de oficialmente se localizar em Chelas, se trata de uma tentativa de chegar ao público alvo que é a população que procura a zona ribeirinha por ser o já mencionado “bairro da moda”?

Esta última hipótese poderia ser positiva, já que acaba por atrair visitantes ao território de Chelas e que se não fosse devido a este edifício não o fariam, no entanto, com todas as condicionantes e problemas já observados do local, intuímos também que estes visitantes não se alongarão muito mais para o seu interior. Logo à partida, as cinco torres que separam o terreno do Bairro do Condado, a Noroeste, e funcionam como barreiras físicas e visuais que bloqueiam esse movimento de continuidade para o interior da freguesia e funcionam como “muro” para esconder os eventuais problemas que ocorrem do lado oposto. No caso de o Centro Comunitário e Interpretativo de Marvila atingir o seu objetivo e atrair visitantes, as cinco torres funcionariam como uma nova “Linha de Cintura” que separaria a nova zona dinamizada de outras zonas a ocultar do público geral, ou que estes visitantes poderão preferir ignorar.



Figura 38 - Movimento populacional previsto a partir da zona ribeirinha de Marvila

Arriscamos assim a afirmar que a localização ideal para este equipamento não é a escolhida pela Trienal de Arquitetura. Consideramos que uma boa alternativa seria junto aos vazios urbanos entre o Bairro das Amendoeiras e o Bairro do Condado, dada a sua posição central, com uma distância inferior a 2km aos limites da freguesia de Marvila e uma proximidade às duas estações de metro presentes no território de Chelas (Bela Vista e Chelas), a pouco mais de 500 metros de ambas. Pela sua proximidade à Quadra Central de Chelas, o acesso automóvel desde outras zonas da cidade é também facilitado. Por fim, esta nova localização poderia dinamizar o Bairro do Condado, no terreno elegido pelo Concurso e ainda ocupar esses vazios urbanos, criando uma ligação urbana entre os maiores bairros do território de Chelas.

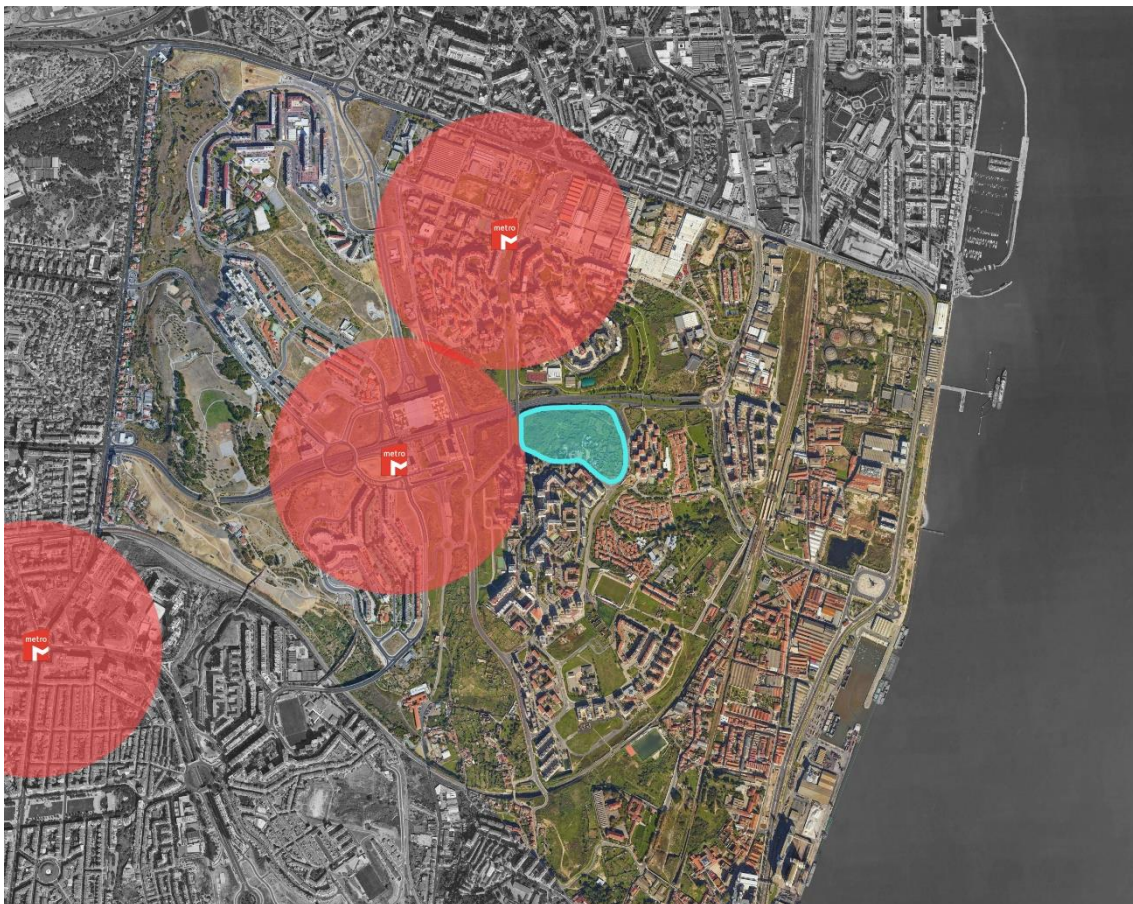


Figura 39 - Área de influência das estações de metro e marcação da localização proposta

Por fim, questionamos o programa de arquitetura proposto pela Trienal.

Como foi possível observar no âmbito da análise dos equipamentos presentes em Marvila, a freguesia encontra-se atualmente bem servida de várias das funções que são propostas para o Centro Comunitário e Interpretativo. O Programa é relativamente flexível, mas relativamente aos espaços que são exigidos pela organização do concurso, constatamos que podem ser facilmente deslocadas para equipamentos já existentes em Chelas, tais como os Restaurantes, os quais já se encontram distribuídos pela freguesia ou as Salas Educativas, que podem ser repartidas pelos diferentes espaços escolares de Marvila.

De todas as funções exigidas, apenas uma nos parece que a freguesia não pode atualmente fazer face: o vão-livre. É esperado que seja projetado um espaço para mais de 500 pessoas, sendo que o Auditório Fernando Pessa, o único espaço público semelhante em Marvila e próximo da Quadra Central de Chelas, apenas tem capacidade para pouco mais de 100 espetadores, número muito abaixo do pretendido.

No fim, não podemos deixar de nos questionar: apesar de não existir nenhum Centro Comunitário e Interpretativo, será este essencial para a comunidade de Marvila? A Trienal de Arquitetura de Lisboa, quando propôs este tipo de equipamento, teria certamente como objetivo brindar a freguesia com um novo espaço que fosse único no território de forma a dinamizar Marvila, mas seria um Centro Comunitário e Interpretativo o equipamento ideal para esta dinamização?

A solução poderia assim passar por construir um equipamento de grande tamanho que servisse como espaço fechado para grandes eventos, como um auditório de maiores dimensões, um teatro, um pavilhão multiusos ou um edifício mais ambicioso, que poderia corresponder a todas as exigências não só do concurso como da comunidade. No fundo e apesar de termos consciência de ser também polémico na conjuntura atual, uma obra como a Casa da Música no Porto, o MACBA em Barcelona, implantado no então problemático tecido urbano do Raval, ou o Museu Guggenheim em Bilbao, com o objetivo de criar um efeito homólogo, mas na freguesia de Marvila. Com o efeito de “esponjamento” em mente, a localização ideal do edifício seria próxima das atuais estações de metro - na tentativa do edifício se adaptar ao local e não o local ao edifício - de forma a atrair o máximo de pessoas possível e, desta forma, contribuir para abrir o território de Chelas, melhorando também o da freguesia de Marvila e da própria cidade de Lisboa.



# Conclusão

Lisboa, a capital do país, passou por uma série de etapas temporais que mudaram a morfologia da cidade, mas também alteraram o seu destino. É relativamente consensual que depois do Terramoto de 1755, a revolução industrial e os planos de urbanização levados a cabo ao longo do século XX foram três dos factos mais importantes para o desenvolvimento urbano de Lisboa, originando uma expansão considerável dos seus limites, que apenas no último século foram alteradas. A razão para esta expansão foi o aumento da população, que antes se reservava ao núcleo da Lisboa medieval e à frente ribeirinha ao longo do curso do rio. Estas frentes ribeirinhas foram ocupadas por infraestruturas portuárias e por indústrias pela proximidade aos meios de transporte marítimos e atraíram milhares de pessoas que necessitavam de habitação e que, pelos baixos rendimentos, não poderiam sustentar uma casa com condições de habitabilidade dignas.

Uma destas frentes ribeirinhas é Marvila que, apesar de ser uma freguesia com uma dimensão considerável, a maior parte da sua população se limitava a essa frente e zonas confinantes, onde se encontrava o tecido fabril, deixando uma área com mais de 500ha de território topograficamente difícil e maioritariamente rural, sem qualquer tipo de urbanização. Com a crescente população e necessidade de integrar todas as zonas da cidade, a urbanização deste território passa a prioritária, sendo o Plano de Urbanização de Chelas uma viragem neste processo.

Apesar da ambição e expectativas em relação a um plano com esta envergadura, a realidade foi outra. Como vimos, aliado a inúmeros contratemplos, a construção de Chelas não se revelou tão eficaz como se esperava, apresentando-se hoje como um território altamente fragmentado e sem lógica urbana entre os seus espaços que varia entre vazios urbanos, densos blocos de habitação ou ruínas de antigas quintas, os edifícios mais comuns quando esta zona ainda se apresentava rural.

Ao longo da dissertação verificámos como é que este novo território evoluiu, desde as dificuldades nas expropriações dos terrenos, os bairros construídos à margem do Plano, ou os problemas sociais que se verificaram. Vimos também como ao longo do tempo estas questões foram sendo resolvidas, originando o conjunto de bairros que se apresentam atualmente.

Durante o presente processo de trabalho, as duas visitas ao local permitiram conhecer não apenas o sítio de projeto, mas também os vários bairros que formam o território de Chelas, bem como algumas vivências e conhecer as zonas consideradas mais problemáticas e que, apesar desse preconceito que sofrem, parecem atualmente possuir uma imagem muito diferente da esperada. Com a exceção da densa arquitetura e da fragmentação do espaço, a

sensação que se tem em vários dos espaços visitados é a de estar num bairro pacato de Lisboa, sem o excessivo turismo que se verifica em muitos destes.

Apesar de aparentes melhorias na questão da segurança, a verdade é que estas parecem não refletir na qualidade de vida da população, que se mantém refém do preconceito e da falta de oportunidades. Torna-se assim necessário integrar esta população e todos os seus bairros na cidade e não os manter afastados como “ilhas” edificadas e rodeados de vazios urbanos vários.

Foi nesta tentativa de dinamizar o território através da arquitetura que o nosso projeto do Centro Comunitário e Interpretativo se baseou, resolvendo, desafio após desafio em parceria com o meu colega Mário Pedro Francisco Manso, um edifício que ambiciona resolver problemas da comunidade mais próxima, mas ao mesmo tempo atrair população mais afastada tanto para eventos como para uso dos seus espaços, nomeadamente o restaurante, a sala de exposições ou o espaço verde da cobertura do edifício, pensada para esse efeito.

A população beneficiaria assim de um equipamento que pudesse ser utilizado diariamente pela população através das suas salas e do seu espaço público, mas também como forma de passagem, dado que os percursos realizados pelas pessoas serviram como mote para a elaboração do mesmo. Com esta intencionalidade de se inserir no dia a dia da comunidade, fazendo parte do próprio terreno, a proposta diverge radicalmente das edificações envolvente, construídas em altura e transmitindo, de certa forma, uma arrogância perante o espaço público e a população. Consideramos que por todos estes aspetos e vantagens para a comunidade, a “cliente final” deste concurso, sairia beneficiada com uma proposta que se revela muito forte dada a sua multifuncionalidade e apoio à população.

Apesar de tudo, vimos no fim como algumas das funções propostas pela Trienal e incorporadas na nossa proposta, poderiam ser descentralizadas noutros espaços. Questionámos também o local de implantação escolhido, que pode ser a peça chave para o sucesso ou fracasso de um projeto, sendo que tanto no âmbito do equipamento como da localização proposta pela Trienal para o mesmo poderiam ter sido melhor fundamentados. De facto, seria de esperar uma melhor integração no território de Chelas e, assim, beneficiar toda a sua população e não apenas utilizar um vazio urbano estratégico, muito próximo de uma zona que, como vimos, por si só já se está a dinamizar, a frente ribeirinha Oriental. Arriscamos afirmar que uns dos objetivos do Concurso seria o de destacar a zona ribeirinha, facto que comprovamos pela menção ao nome da freguesia - Marvila -, e não ao território de Chelas que, no concurso, é apenas referido uma vez e apenas na caracterização da cidade de Lisboa e não da freguesia. Com isto concluímos que, apesar das intenções da Trienal de Arquitetura de Lisboa serem de louvar, o processo para este fim poderia ter bastante mais em conta a população - inclusivamente na fundamentação do próprio programa - e não apenas o ambiente urbano da freguesia de Marvila.

O território de Chelas parece querer, progressivamente, afastar-se do seu passado problemático, que ainda se reflete no presente através de uma imagem de densos blocos

habitacionais, monumentais avenidas inóspitas e vazios urbanos. Com a impossibilidade de reconstruir todo um espaço por completo, os responsáveis pelas políticas urbanas devem refletir sobre como adaptar o espaço, trabalhando criativamente para resolver os problemas que encontramos hoje naquele território, de forma a brindar as futuras gerações com um espaço melhor, deixando no passado os problemas sociais que atormentaram os bairros de Chelas durante grande parte da sua existência.



# Referências Bibliográficas

CENTRO DE INFORMAÇÃO URBANA DE LISBOA (2001). *Lisboa: conhecer, pensar, fazer cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

DA SILVA, A. V. (1950). *Plantas Topográficas de Lisboa*. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML.

DELGADO, R. (1969). *A Antiga Freguesia de Olivais*. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML.

DENTINHO, P. (1969). Plano de Chelas - Análise Toponímica. In *Boletim GTH vol. II*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Gabinete Técnico de Habitação.

DUARTE, C. (1987). La Arquitectura Portuguesa. De los Años Treinta a La Actualidad. In *Tendencias De La Arquitectura Portuguesa: Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*. Barcelona: Col.legi d'Arquitectes de Catalunya.

FERNÁNDEZ, B.; LORENTE, J.P. (2009). *Arte en el espacio público: barrios artísticos y revitalización urbana*. Zaragoza: Pressas Universitarias de Zaragoza.

GABINETE TÉCNICO DE HABITAÇÃO (1965). *Plano de Urbanização de Chelas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Gabinete Técnico de Habitação.

GABINETE TÉCNICO DE HABITAÇÃO (1960-1961). *Inquérito Habitacional aos bairros de lata e construções abarracadas existentes na área administrativa de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Gabinete Técnico de Habitação.

HEITOR, T. V. (2001). *A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintática*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HEITOR, T. V. (2015) *Olivais e Chelas: Operações Urbanísticas de Grande Escala*. Consultado em 10/03/2019. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/237317952\\_OLIVAIS\\_E\\_CHELAS\\_OPERACOES\\_URBANISTICAS\\_DE\\_GRANDE\\_ESCALA](https://www.researchgate.net/publication/237317952_OLIVAIS_E_CHELAS_OPERACOES_URBANISTICAS_DE_GRANDE_ESCALA).

LOURENÇO, J. M. (2003). *Expansão urbana: gestão de planos-processo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MARQUES, A. H. DE O. (1977). *História de Portugal*. Lisboa: Palas Editores.

MARQUES, I. M. A. (2012). *Arte e habitação em Lisboa 1945-1965. Cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Belas Artes - Universidade de Barcelona.

OCHOA, R. (2004). *A Oriente das Cidades - Dialéctica nascente/poente e critérios de crescimento em metrópoles portuárias*. (Tese de mestrado). Faculdade de Belas Artes - Universidade de Barcelona.

OCHOA, R. (2005). Dinâmicas de crescimento em metrópoles portuárias. Tensões a Oriente da cidade de Lisboa. *On the w@terfront*, 7, 30-40.

OLIVEIRA, T. (2012). A evolução do planeamento urbano de Olivais Sul a Telheiras. In CONCEIÇÃO, L. (ed.), *Dispersos da Arquitetura*. Portimão: Instituto Superior Miguel Teixeira Gomes.

OLIVEIRA, T. (2015). *As Vicissitudes do Espaço Urbano Moderno ou o Menino e a Água do Banho - Os Bairros dos Olivais*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa. Lisboa.

PEDREIRA, J. M. (1987). Indústria e atraso económico em Portugal (1800-1825). Uma perspetiva estrutural. *Análise Social*, 23, 97, 563-596.

SILVA, A. V. (1948). *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Lisboa: Município de Lisboa.

SOTTOMAYOR, A. (1993). *O poço da cidade - Crónicas Lisboetas*. Lisboa: Editorial Notícias.

#### **Sítios da Internet:**

Trienal de Arquitetura de Lisboa (2018). *Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp*. Consultado em 18/04/2019. Disponível em: [https://www.trienaldelisboa.com/open-calls-pt/d/opencalls\\_t2019-universidades?downloads](https://www.trienaldelisboa.com/open-calls-pt/d/opencalls_t2019-universidades?downloads).

Metropolitano de Lisboa (s.d.). *História do Metro*. Consultado em 05/05/2019. Disponível em: <https://www.metrolisboa.pt/institucional/conhecer/historia-do-metro/>.

RTP1 (1990, 14 julho). *Marvila*. [video]. Consultado em 02/05/2019. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/marvila/#content-more>.

#### **Notícias de jornais (por ordem cronológica):**

AR (2009, 24 setembro). *'Corredor da Morte' morre hoje em Lisboa*. TVI24. Consultado em 08/05/2019. Disponível em: <https://tvi24.iol.pt/sociedade/zona-j/corredor-da-morte-morre-hoje-em-lisboa>.

ANÓNIMO (2010a, 24 maio). *Capital teme os seus bairros*. Correio da Manhã. Consultado em 08/05/2019. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/capital-teme-os-seus-bairros>.

ANÓNIMO (2010b, 9 julho). *Gangues e violência são imagens ainda associadas à Zona J em Chelas*. Diário de Notícias. consultado em 08/05/2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/gangues-e-violencia-sao-imagens-ainda-associadas-a-zona-j-de-chelas-1614099.html>.

LOURENÇO, P. (2019, 29 março). *Marvila, bairro das artes que nasceu operário e resiste ao luxo*. Jornal de Notícias. Consultado em 08/05/2019. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/especial/interior/marvila-o-bairro-das-artes-que-nasceu-operario-e-resiste-ao-luxo-10738611.html>.

PILEIRA, S.; SAMBADO, C. (2014, 29 dezembro). *Os 55 anos do Metro de Lisboa*. RTP. Consultado em 13/04/2019. Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/pais/os-55-anos-do-metro-de-lisboa\\_n792728](https://www.rtp.pt/noticias/pais/os-55-anos-do-metro-de-lisboa_n792728).

#### **Videos/documentários:**

GUERIN, J. L. (dir, realizador) (2001). *En Construcción* [documentário]. Barcelona: OVIDEO TV.

MATOS, L. A. (dir, realizador) (2004). *A Praça* [documentário]. Lisboa: Amatar Filmes.

VIEIRA, L. (realizador) (1998). *Zona J* [filme]. Lisboa: Filmes Lusomundo.